

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, CONTABILIDADE E
ATUÁRIA

MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO



PUC-SP

**A INDÚSTRIA E MERCADO DA MODA E UMA ABORDAGEM SOBRE O
IMPERIALISMO DE PRODUÇÃO E AS CADEIAS GLOBAIS DA POBREZA**

Pedro Mendonça Martins

RA:00223748

Orientador: Antonio Corrêa de Lacerda

São Paulo

2023

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, CONTABILIDADE E
ATUÁRIA

MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO



PUC-SP

**A INDÚSTRIA E MERCADO DA MODA E UMA ABORDAGEM SOBRE O
IMPERIALISMO DE PRODUÇÃO E AS CADEIAS GLOBAIS DA POBREZA**

Pedro Mendonça Martins

RA:00223748

Monografia submetida à apreciação de
banca
examinadora do Departamento de
Economia, como exigência parcial para a
obtenção do grau de Bacharel em
Ciências Econômicas, elaborada sob a
orientação do Professor Doutor Antonio
Corrêa de Lacerda.

São Paulo

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, ou a força maior que me guia e sempre me guiou em todos os caminhos que trilhei e hei de trilhar, que me deu sabedoria, proteção e força de vontade para lutar pelo que sonho.

Agradeço a toda a minha família que sempre me apoiou e me estimulou a crescer e evoluir. Em especial ao meu pai e minha mãe que são figuras primorosas como pais, exemplos, amigos, heróis e sempre estiveram do meu lado com muito amor, e me fizeram um homem capaz de ver o mundo de uma maneira crítica e empática.

Agradeço a minha irmã, melhor amiga que divido os mesmos anseios e risos desde que fui posto nesse mundo, primordial na minha composição como indivíduo e no meu desenvolver acadêmico, e companheira de todos os momentos.

Agradeço amorosamente a minha namorada, companheira de vida que é motivo da minha felicidade, que faz-me ver o mundo mais bonito e sempre me deu o apoio e amor que precisava para tudo na minha vida e especialmente na produção do presente trabalho.

Agradeço aos meus avó paternos por todo carinho, apoio e suporte que deram em minha vida e dedico esse trabalho em memória de meus queridos avós maternos que partiram da materialidade do mundo, mas vivem e viverão eternamente em meu coração e memória.

Agradeço a minha instituição de ensino Pontifícia Universidade Católica de São Paulo por ter sido uma segunda casa durante esses últimos quatro anos, por ter me proporcionado tanta reflexão, tantas aflições e felicidades, e por ser fator essencial da minha consciência e da minha formação quanto indivíduo de caráter crítico e social.

Agradeço a todo o corpo docente do departamento de Ciências Econômicas que forneceram grande parte do conhecimento, metodologia e análise que me auxiliam no meu fazer econômico.

Em especial gostaria de agradecer ao professor Rubens Sawaya que me fez voltar a amar as Ciências Econômicas, me pôr em confronto com as dinâmicas da superestrutura produtiva que vivemos e mesmo que involuntariamente acender novamente em meu âmagô uma chama revolucionária.

E claro, agradeço ao meu professor, mestre e amigo Carlos Eduardo Ferreira por toda as conversas que tivemos e espero ter que foram primordiais para debater angústias, questões e buscas que passam na cabeça de um jovem economista, pela atenção e compadrio para me auxiliar no meu processo acadêmico e de mundo.

Agradeço ao professor-orientador Antonio Corrêa de Lacerda, pela paciência e amparo no processo de produção da minha primeira pesquisa acadêmica, me instigando a sempre dar o meu melhor e evoluir.

Agradeço a todos os meus amigos, da vida e que o curso me deu, que auxiliaram no processo de formação acadêmica ser mais leve, engraçado e feliz, e foram fundamentais para manter a minha saúde mental o mais plena dentro do possível, compartilhando das mesmas dificuldades e felicidades.

Por fim, agradeço ao grande mestre, economista, gênio e humano Celso Furtado por toda a carga de conhecimento e sensibilidade que foi capaz de me transmitir através de suas obras, que me formou e me capacitou de reconhecer-me como um economista de um país periférico e latino-americano, e, portanto, me guiou nos processos de formação do economista e homem que me tornei.

Subiu a construção como se fosse máquina

Ergueu no patamar quatro paredes sólidas

Tijolo com tijolo num desenho mágico

Seus olhos embotados de cimento e lágrima

*[...] Morreu na contramão, atrapalhando o
tráfego*

(Chico Buarque)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender a moda quanto um fenômeno socioeconômico e suas relações históricas e destrinchar o avanço da cadeia produtiva e distributiva da indústria da moda e em específico as suas transformações após o processo da internacionalização da economia, com o surgimento do modelo *fast fashion*, e as nuances da estrutura econômica, social e cultural que sustentam a dinâmica da divisão internacional do trabalho das cadeias produtivas globais e a relação centro-periferia.

Buscando traçar uma análise crítica sobre as Cadeias Globais de Valor (CGV) e sua relação com o imperialismo de produção e a perpetuação da pobreza nos países periféricos. A exploração da mão de obra barata e a expropriação dos excedentes globais dos países periféricos resultam em novas relações de dependência entre os países centrais e periféricos. A indústria do vestuário é um exemplo emblemático das particularidades das CGV, com deslocamentos da cadeia produtiva orientados aos países periféricos, resultando em superexploração na cadeia global de valor. A pesquisa aborda a realidade da indústria de vestuário em Bangladesh e suas relações com a expropriação dos operários fabris e as condições precárias de trabalho, buscando compreender como essa indústria se insere nas Cadeias globais da pobreza (CGP's) e como isso age sobre a realidade da classe operária industrial do país e do mundo.

Palavras-chave: Imperialismo. Cadeias Globais da Pobreza. Bangladesh. Indústria de vestuário

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Estrutura da Cadeia Produtiva e Distributiva da Indústria Têxtil e de Vestuário.....	27
Figura 2. Crescimento da população mundial por grupo de países por grau de desenvolvimento.....	33
Figura 3 - Força de Trabalho Industrial Global, 1950-2010.....	34
Figura 4 - Nível e Composição da Desigualdade Global em 1870 e 2000 (Índice de Gini).....	36
Figura 5 - Concepções marxista e neoclássica da formação do valor e apropriação nas Cadeias Globais de Valor (Curva sorriso).....	38
Figura 6 – Expressividade de Bangladesh no cenário global das exportações da indústria de vestuário.....	42
Figura 7 – Relação entre a exportação de RMG- <i>ready made garments</i> e Exportação total de Bangladesh.....	46

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Maiores Países Exportadores de Vestuário, no período de 1995 a 2008.....	30
Tabela 2 - Crescimento da população mundial por continentes do período de 1950-2100 (projeção).....	32

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. OS PROCESSOS DE TRANSFORMAÇÃO DA INDÚSTRIA DA MODA.....	12
1.1. A moda quanto um fenômeno econômico e sociológico.....	12
1.2. O nascimento da moda como uma indústria.....	13
1.3. A necessidade inovativa na Indústria da Moda.....	16
2. O PROCESSO DA MUNDIALIZAÇÃO E O FAST FASHION.....	21
2.1. O surgimento do modelo produtivo e distributivo do <i>fast fashion</i> e as CGV's.....	22
2.2. Os processos migratórios da cadeia produtiva da indústria de vestuário.....	29
2.3 - O imperialismo da produção e as Cadeias Globais de Pobreza.....	31
3. BANGLADESH A ARMADILHA DA INDÚSTRIA DE VESTUÁRIO E DESENVOLVIMENTO PARA QUEM E A QUE CUSTO?.....	40
3.1 - A herança maldita nas fundações das estruturas de expropriação capitalista.....	40
3.2 - A composição e dependência na indústria de vestuário.....	42
CONCLUSÃO	49
REFERÊNCIAS	51

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se dedica a analisar e descrever a dinâmica das transformações da indústria e do mercado da moda, como um fenômeno econômico, analisando as suas características que a formam como tal.

Iniciando por uma contextualização e definição do termo e do objeto de estudo como um fenômeno econômico e sociológico para que seja possível se debruçar na investigação dos processos dentro de diferentes transformações de sua dinâmica, trazendo uma análise materialista histórica sobre os fatores históricos que influenciaram a metamorfose das bases produtivas e da dinâmica desse setor.

As condições que antecedem a indústria da moda dizem respeito às grandes transformações históricas dos processos econômicos e sociais. O grande crescimento populacional da Europa entre o século XI e XIII causado pelo progresso tecnológico da produção de alimentos e da mudança climática levou a urbanização, o que levou a uma reação de cadeia de mudança da vida econômica da Europa. O nascimento da vida urbana gerou a Revolução Comercial que desencadeou na primeira Revolução Industrial.

A partir do século XIII a moda passa a ser compreendida com maior maturidade social como um teor de fenômeno econômico, isso porque as vestimentas são entendidas como uma forma consciente de comunicação identitária regional e de classes, sendo capazes de exprimir e ordenar padrões das diferenciações da estrutura econômica e social.

Após o fim da Segunda Guerra, os holofotes do mundo se dirigiam para os Estados Unidos em diversos setores, declarando a hegemonia econômica e cultural. Com a solidificação da economia norte-americana no pós-guerras e a influência do *American Way of Life* os Estados Unidos investiram na indústria da moda para o mercado de massa, o ideário de um estilo de vida baseado no consumo.

Abrindo caminho para a discussão da próxima grande transformação da dinâmica da indústria e mercado da moda e a integração no espectro global, destrinchando o avanço da cadeia produtiva e distributiva da indústria da moda e em específico as suas transformações após o processo da internacionalização da economia, com o surgimento do modelo *fast fashion*, e as nuances da estrutura econômica, social e cultural que sustentam a dinâmica da divisão internacional do trabalho das cadeias produtivas globais e a relação centro-periferia.

A evolução das estratégias de industriais adotadas pelas empresas de vestuário é marcada por duas tendências: o aumento da terceirização da produção e uma crescente dependência da produção no exterior. Na União Europeia, a terceirização da mão de obra para os países em desenvolvimento está aumentando. As empresas que produzem no exterior dependem cada vez mais de terceirização em contraste com as unidades de produção de propriedade direta. Em geral, a produção das unidades de produção da União Europeia caiu de 72% em 1983 a 70% em 1988, e 60% em 1992.

Há uma clara aceleração da deslocação da produção após 1988. Parece ser uma tendência irrefreável que se estende para países periféricos em desenvolvimento a fim de se apropriar de baixos custos por uma mão de obra barateada e aproveitar dessa dinâmica para aumentar a absorção do excedente.

Atualmente, mais de 60% das exportações mundiais de vestuário são fabricadas em países em desenvolvimento. A Ásia é hoje o maior fornecedor mundial, produzindo mais de 32% das exportações mundiais de vestuário.

Se responsabilizando por apresentar uma análise crítica sobre as Cadeias Globais de Valor (CGV) e sua relação com o imperialismo da produção e a perpetuação da pobreza nos países periféricos. A expansão do capitalismo em um novo estágio, determinado pelos processos da superestrutura de produção que o mundo está inserido, tem levado à fragmentação e pulverização da produção, resultando em novas relações de dependência entre os países centrais e periféricos.

A dinâmica da expropriação dos excedentes globais dos países periféricos através dos baixos preços produzidos no Sul global e a incorporação de suas exportações às economias centrais é um dos principais fatores que perpetuam a pobreza nos países periféricos. A exploração da mão de obra barata resulta em migrações e instalações dos polos produtivos principalmente na Ásia e na América Latina, transformando essas regiões na fábrica do mundo.

Nesse contexto, a indústria do vestuário é um exemplo emblemático das particularidades das CGV. Os deslocamentos da cadeia produtiva orientados aos países periféricos incorporaram-nos à posição de superexploração na cadeia global de valor em uma indústria extremamente fundamentada na intensiva mão de obra. Essa orientação explicita a relação de exploração e ampliação das taxas de lucro das principais empresas do setor nos países capitalistas centrais.

Diante disso, este documento apresenta uma análise crítica sobre as CGV e sua relação com o imperialismo da produção e a perpetuação da pobreza nos países periféricos. Esperamos que este material seja útil para compreender melhor as implicações socioeconômicas das CGV e contribuir para o debate sobre alternativas para superar a dependência econômica dos países periféricos.

A indústria de vestuário é um dos principais setores econômicos em Bangladesh, responsável por grande parte das exportações do país. No entanto, por trás desse sucesso econômico aparente, há uma realidade complexa e majoritariamente cruel para os trabalhadores fabris que produzem as roupas que são vendidas em todo o mundo e principalmente no Norte global. Para compreender essa realidade, é necessário voltar ao passado colonial de Bangladesh e à formação de uma burguesia local que se beneficiou e beneficia da exploração dos trabalhadores bengalis. A herança maldita nas fundações das estruturas de expropriação capitalista é um tema crucial para entender as relações sociais e econômicas em Bangladesh e a inserção no capitalismo global.

Dessa forma, abordamos a realidade mascarada pelas principais análises ortodoxas e se é apresentado uma ótica crítica e fundamental sobre a estrutura da indústria de vestuário em Bangladesh e suas relações com a expropriação dos operários fabris e as condições precárias de trabalho. Buscamos compreender como essa indústria se insere nas cadeias globais da pobreza (CGP's) e como isso afeta a vida da classe operária industrial do país e em suma do mundo.

CAPÍTULO I – OS PROCESSOS DE TRANSFORMAÇÃO DA INDÚSTRIA DA MODA

1.1 – A Moda quanto um fenômeno econômico e sociológico

Antes de qualquer aprofundamento numa cronologia do desenvolvimento da Indústria da Moda, e das transformações dos processos produtivos e distributivos desse setor, há de se entender o que é a moda.

A terminologia da própria palavra moda exprime um costume ou maneira predominante, ou seja, uma tendência refletida dentro de uma sociedade em um determinado período observado. A moda vai além de uma peça de vestuário desenvolvida para uma função prática, ela é um fenômeno social que diz muito a respeito da estruturação cultural e econômica de uma sociedade, se trata de uma linguagem sociológica que se fundamenta no desenvolvimento inovativo artístico e tecnológico, a moda é capaz de expressar as nuances de uma sociedade por meio de um sentido estético.

“(...) é uma linguagem que se traduz em termos artísticos. Essa expressão artística de uma linguagem social ou psicológica – o aspecto menos explorado da moda – talvez seja uma de suas faces mais apaixonantes” (SOUZA, 1996, p. 29)

O fenômeno da moda acompanha o homem antes mesmo da mesma ser entendida quanto um fenômeno, estando presente desde os primeiros seres humanos da pré-história ao tomarem de peles e couros de animais como vestes de proteção a temperaturas e condições climáticas e se aperfeiçoaram em técnicas e usos específicos de materiais, e ao decorrer do avanço civilizatório da humanidade tivemos saltos nos processos produtivos como o surgimento da tecelagem na Mesopotâmia, e como o vestuário foi se tornando uma questão de identidade dentro da sociedade, a importância das diferenciações de vestimentas dos faraós do antigo Egito, dos grandes imperadores que passaram pela história, da exacerbação e exagero nos trajes de reis e suas cortes. As vestimentas e a forma como se as utilizavam passou a representar algo muito maior dentro de uma sociedade, tornando-se uma expressão identitária.

A partir do século XIII a moda passa a ser compreendida com maior maturidade social como um teor de fenômeno econômico, isso porque as vestimentas são entendidas como uma forma consciente de comunicação identitária regional e de classes, sendo capazes de exprimir e ordenar padrões das diferenciações da estrutura econômica e social,

em períodos que certos tecidos, materiais e cores se restringiam exclusivamente à nobreza e altas classes.

1.2 – O nascimento da moda como uma indústria

Até o século XVII confecção de peças era diretamente ligada apenas à alfaiates, quando começou a ser introduzido também as costureiras na moda, de início, os alfaiates ainda possuíam um prestígio maior na moda, enquanto a participação das costureiras era mais comedida, apenas para ajustes de peças de alfaiates. Apenas no final do século XVIII as costureiras começaram a concorrer com maior relevância com os alfaiates no mercado, dentro de uma perspectiva histórica, esse período inicial se deu por cerca de cinco séculos, do século XIV à metade do século XIX, se caracterizava como uma fase de produção artesanal e intimamente ligado a aristocracia, havendo um monopólio da criação.

As condições que antecedem a indústria da moda dizem respeito às grandes transformações históricas dos processos econômicos e sociais. O grande crescimento populacional da Europa entre o século XI e XIII causado pelo progresso tecnológico da produção de alimentos e da mudança climática levou a urbanização, o que levou a uma reação de cadeia de mudança da vida econômica da Europa. O nascimento da vida urbana gerou a Revolução Comercial que desencadeou na primeira Revolução Industrial.

O processo histórico da Revolução Comercial e Industrial foi ponto chave para a transformação dos processos de produção da moda, segundo Santanella (apud de Carli, 2002, p. 9)

A moda foi se tornando explícita quando a revolução industrial possibilitou a reprodutibilidade técnica de seus produtos, a reprodução em série do mesmo. Com o crescimento demográfico dos quais se originaram os aglomerados humanos nos primeiros grandes centros urbanos, notadamente em Paris e Londres, a moda começou a se converter em fascínio, nas galerias em que produtos, ofertados por traz dos vidros, paralisavam, com piscadelas sedutoras, o passo dos transeuntes.

Com o surgimento dos processos da Revolução Comercial e Industrial no final do século XVIII, as tendências da moda passaram a ditar a Indústria da Moda. A existência de um novo mercado mundial protagonizado pela Europa, Ásia, e as colônias europeias, impulsionou um avanço inaudito dos avanços tecnológicos e comerciais. Um aumento na capacidade de confecção de peças de roupa, e avanços têxteis, aumentaram o interesse na moda.

No século XVIII, Paris se tornou o ponto central da Moda, a partir de medidas do governo francês para dominar a nova indústria que vinha nascendo e se tornando um potencial de produção e mercado muito atrativo.

A Inglaterra acompanhou as medidas da França, buscando competir com ela, desenvolvendo novas ferramentas para a cadeia produtiva de vestuário e desenvolvendo sua indústria têxtil e se aperfeiçoando na alfaiataria.

Um dos mais importantes marcos para a moda foi o início da *haute-couture*, a moda passava à um outro estágio de desenvolvimento, a chamada “Moda de cem anos”, protagonizada pelo primeiro estilista inglês Charles Frederick Worth. Em meados de 1840 o costureiro inglês se mudou para a capital francesa, por ser um ambiente que emanava as transformações da produção têxtil e a cultura da moda como uma questão essencial na vida humana, em 1858 o pai da *haute-couture* abriu a sua *maison*, seu ateliê de alta costura junto de dois grandes costureiros, chamada Maison Worth & Bobergh. A sua *maison* foi tomando destaque no início da década seguinte, o interesse da corte e da realeza foi tomando grandes proporções, e se tornou o ateliê de alta costura mais procurado e mais caro de toda a Europa.

Uma revolução dentro do que se era entendido como o processo de criação e produção dos trajes veio com Worth. Nas primeiras décadas do século XIX, os alfaiates e costureiras apenas cumpriam com os desejos e ordens dos trajes dos aristocratas, tendo uma participação quase nula na decisão criativa. A partir da expansão da Revolução Industrial essa ebulição das transformações da indumentaria foram gradualmente impactando as camadas mais populares também, vale pontuar, que isso não se expressa apenas pelo progresso técnico da indústria têxtil, e sim por um desenvolvimento do mercado que se segmentou para diversas áreas.

O costureiro quanto um criador e precursor de tendencia na moda se dá pela primeira vez com Worth, visto que até então a aristocracia determinava os parâmetros e influências da moda. O primeiro estilista inglês, foi capaz de trazer novas silhuetas e modelagens por ter um prestígio imensurável nesse novo mercado, as novas silhuetas que quebravam com os parâmetros antigos, foram começando a gerar demanda, e transformando a moda.

Worth começou a ser procurado pelos mais importantes aristocratas, invertendo a relação entre o alfaiate e os clientes, os horários da disponibilidade para receber os

aristocratas em sua *maison* era ditada por sua disponibilidade. Como nunca havia ocorrido anteriormente, as peças passaram a ter a assinatura de Worth como um estilista como objeto de desejo, as roupas produzidas em seu ateliê traziam um valor que transcendiam a própria peça, era criado uma magia por trás dos tecidos.

No caso da alta-costura, a questão se coloca em termos bastante originais, porque todo o aparelho de produção e circulação está orientado especificamente não para a fabricação de objetos materiais, mas - como mostra perfeitamente a estratégia dos costureiros que vendem suas criações (sob a forma de licença) sem que eles mesmos produzam objetos para a produção do poder quase mágico, atribuído a um homem singular, de produzir objetos que são raros pelo simples fato de que ele os produz, ou, melhor ainda, de conferir raridade pela simples imposição da grife, como ato simbólico de marcação, a quaisquer objetos, inclusive, não fabricados por ele (BOURDIEU; DELSAUT, 2001, p. 36).

Segundo o sociólogo Bourdieu (1983, p. 2), as marcas passaram a vender não apenas roupas, mas sim produzindo uma condição irracional de desejo de consumo de uma determinada confecção, e a forma que socialmente a exclusividade dela representa na distinção dos clientes da marca.

Minha intenção é dar uma contribuição à sociologia das produções intelectuais, isto é, uma sociologia dos intelectuais e ao mesmo tempo à análise do fetichismo e da magia. Ainda aqui me dirão: “Mas por que não estudar a magia nas sociedades ‘primitivas’ e sim em Dior ou Cardin?” Acho que uma das funções do discurso etnológico é dizer coisas que são suportáveis quando se aplicam a populações distantes, com o devido respeito que lhes temos, mas que são muito menos suportáveis quando as relacionamos as nossas sociedades. No fim de seu ensaio sobre a magia, Mauss se pergunta: “Onde está o equivalente em nossa sociedade?” Eu gostaria de mostrar que é preciso procurar este equivalente em Elle ou no Le Monde” [...].

A moda começa a dar os seus primeiros passos quanto uma indústria, nesse período ainda sendo mais limitada a confecções de alto nível e presente na alta sociedade, mas as tendências geradas pelas principais *maisons* de luxo que acompanharam a de Worth estruturaram um novo mercado, transformando o setor e o expandindo, o pai da *haute couture* determinou os principais aspectos do que se instituiria como Alta Costura. No final da década de 1860, *L'Anglaise* como era conhecido Worth, e os demais proprietários das principais *maisons* sindicalizaram essa nova indústria emergente,

fundaram *La Chambre Syndicale de la Couture et de la Confection pour Dames et Fillettes*, para assim conseguirem proteger essa nova forma de se fazer moda, assegurando a exclusividade das peças de luxo.

Entretanto as principais regras da *haute couture* que permanecem até os tempos modernos, foram instituídas após o falecimento de Worth, apenas em 1910, com a fundação da *La Chambre Syndicale de la Haute Couture*, mas que tiveram o seu berço nas medidas do grande costureiro inglês.

1.3 – A necessidade inovativa na Indústria da Moda

O modo de produção que as principais *maisons* da França: *Worth, Chanel, Poiret*, dominou o modo em que as vestimentas e artigos de luxo eram produzidos por um extenso período da história, porém com o passar dos anos alguns processos impactaram a hegemonia da *haute-couture*.

Segundo Lipovetsky (1989), a moda passou por uma intensa transformação principalmente após a Segunda Guerra Mundial:

“Ao vir ao mundo na moda e conquistar domínios citadinos, o *prêt-à-porter* abalou a arquitetura da soberana “moda de cem anos” e transformou a lógica da produção industrial de moda. Após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), um novo estado de demanda de mercado se ampliou a todos os estratos da sociedade e conduziria à “[...] democratização última dos gostos da moda trazida pelos ideais individualistas, pela multiplicação das revistas femininas e pelo cinema, mas também pela vontade de viver no presente estimulada pela nova cultura hedonista de massa [...] cultura do bem-estar, do lazer e da felicidade imediata. A era do *prêt-à-porter* coincide com a emergência de uma sociedade cada vez mais voltada para o presente euforizada pelo novo e pelo consumo”

Após o fim da Segunda Guerras, os holofotes do mundo se dirigiam para os Estados Unidos em diversos setores, declarando a hegemonia econômica e cultural. Com a solidificação da economia norte-americana no pós-guerras e a influência do *American Way of Life* os Estados Unidos investiram na indústria da moda para o mercado de massa, o ideário de um estilo de vida baseado no consumo.

Com uma crise na *haute-couture*, que advinham de uma expressa cobrança de modernização, o *haute-couture*, vinha se restringindo à apenas os tradicionais clientes, porém uma nova elite surgia no mundo, e com ela, necessidades e demandas diversas que o sistema produtivo não dava conta, havia uma questão em xeque sobre a sustentabilidade das *maisons*, e a imagem que a tentativa de atrair uma maior gama de clientes reduzindo os preços, afetava negativamente a imagem das *maisons* e propriamente até de Paris que se tinha como o berço das elites mundiais, essa “vulgarização” das coleções tentando ser mais acessíveis dentro do modelo de *haute-couture* foi uma das questões impeditivas da tentativa de sustentabilidade do modelo produtivo. Além da mudança do perfil de consumo da nova elite concebida no pós-guerras, que se originaram no capital industrial e financeiro, os valores dessa elite se confrontavam com a antiga elite europeia, buscando inovação e modernidade.

Assim surge na França o *Prêt-à-porter*, em 1949, termo instituído pelo estilista francês J. C. Weil, baseado no princípio de ready-to-wear que havia sido criado nos Estados Unidos, ou seja, vestuário confeccionado em larga escala e com um caráter não mais tão exclusivista, se voltando para uma produção de roupas que seria acessível a todas as pessoas, e da mesma forma ainda fariam parte das tendências da moda. (LIPOVETSKY, 1989, p. 110)

Essa transformação na indústria da moda, portanto, está intimamente ligada ao progresso técnico e tendência inovativa que emergia no mundo nesse período, a inovação tecnológica na fabricação de vestuário possibilitou uma produção em larga escala, com muita qualidade e redução dos preços.

Um dos mais importantes nomes da “Moda aberta” momento da moda de ruptura do regrismo da *haute-couture* para uma maior liberdade expressiva, que se instituiu em 1960 e de toda a história da moda, Pierre Cardin foi um estilista italiano que se naturalizou francês, chegou à França ainda muito novo, e passou por importantes *maisons* como a Dior, e em 1950 fundou a sua *maison de haute-couture*, e nos anos seguintes se tornou uma importante peça da vanguarda da moda, fazendo parte da intitulada “tríplice aliança do futurismo” na moda, ao lado de André Courrèges e Paco Rabanne. Sendo o prógono da criação de peças unissex, com formas e caimentos que muitas vezes ignoravam as formas do corpo feminino,

e identificou o Japão como um proeminente mercado a ser explorado pela alta moda e principalmente por encarar a moda como um dos maiores *business*.

De um lado, uma oferta sempre muito precipitada e inconstante; do outro, uma demanda sem fidelidade o "emancipada", que não anda a passo cadenciado. Um ciclo está fechado: a moda de vestuário, há séculos o próprio símbolo das mudanças rápidas de adoção e de difusão, colocou-se em velocidade de cruzeiro, a autonomização individualista, longe de conduzir à mudança cada vez mais rápida de gostos e de estilos, tende mais para uma certa "sabedoria" frívola, para um certo poder moderador entre os consumidores" (LIPOVETSKY, 1989, p. 142).

Um visionário não apenas na parte criativa da moda, mas também na questão empreendedorística, Cardin visualizou a necessidade da inovação na cadeia produtiva e distributiva do setor, e as demandas da nova elite e novos mercados. Em 1959, pela primeira vez na história um estilista montou uma coleção aos moldes do que temos hoje como as lojas de roupa e artigos de luxo.

Cardin montou uma coleção para a loja de departamentos parisiense *Printemps*, a coleção possuía alguns modelos de peças distintas padronizadas e vendidas em diferentes tamanhos, assim com o efervescer dessa nova dinâmica de consumo adotado pelo mundo no pós-guerra, os clientes não mais tinham que encomendar uma peça com um preço tão elevado, eles entravam na loja e compravam o produto a preços mais acessíveis.

A coleção foi um choque nas estruturas de produção e distribuição da moda, levou ao estilista ser expulso da *La Chambre Syndicale de la Haute Couture* por lançar a primeira coleção impactante *prêt-à-porter*, os integrantes do sindicato, acreditavam que o seu ato havia arruinado com a sua carreira como estilista, porém como Cardin imaginava, a adaptação ao *prêt-à-porter* não só salvou o estilista, como o setor inteiro das *maisons de haute-couture*. Ele conseguiu sintetizar a necessidade e solução para o mercado que vinha caindo nos rendimentos e popularidade. Em suas palavras: “*Eles disseram que o prêt-à-porter destruiria o meu nome, ao invés disso salvou*”. Anos depois ele foi reintegrado ao sindicato e até mesmo convidado a presidir o mesmo, porém recusou e em 1971 desenvolveu seu próprio espaço em Paris, para exibir suas próximas coleções, o *Espace Cardin*.

Cardin marcou a indústria e o mercado por sua capacidade visionária de interpretar as mudanças econômicas e sociais no mundo pós-guerras, a indústria da moda foi ressignificada e o seu modelo se tornou essencial para a sustentabilidade das *maisons* e dinamizar o mercado explorando novos setores.

Além de Pierre Cardin esse processo de democratização da moda teve como um dos maiores expoentes o grande estilista Yves Saint Laurent. Nascido na Argélia em 1 de agosto de 1936, desde novo despertou interesses pelo mundo da arte, principalmente pela costura e moda, através de sua mãe. Aos 17 anos de idade se mudou para a capital francesa para trabalhar na grande *maison* Dior, como assistente de Christian Dior. Em 1957, foi nomeado o diretor criativo da *maison*, após o falecimento do fundador e mestre Christian Dior, herdando o controle criativo e a responsabilidade de manter a grande empresa.

Permaneceu no controle da Maison Dior até a década de 1960, quando teve que se ausentar da vida civil por ser convocado para a Guerra de Independência da Argélia. Quando retornou da guerra, havia sido substituído por Marc Roger Bohan, estilista francês que passaria os seus próximos 30 anos no comando da *maison* Dior.

Então em 1961, viu a possibilidade de dar um passo a frente e criar a sua própria *maison*, junto de seu companheiro, Pierre Bergé, Saint Laurent inaugurou a sua *maison* Yves Saint Laurent de *haute-couture*.

Não era atoa que o jovem de apenas 25 anos havia se tornado o fenômeno que se tornou dirigindo a *maison* Dior com a idade que tinha, e abrindo a sua própria *maison* de *haute-couture*.

Em 1966, o visionário jovem percebeu assim como Cardin, que para a alta costura sobreviver ela deveria passar por processos de transformações para ter mais sensibilidade no mercado e no mundo, abrindo a primeira boutique de *prêt-à-porter* Yves Saint Laurent Rive Gauche além de sua *maison*. Segundo Laurence Benaïm (1994), desde Coco Chanel, não havia aparecido alguém que desempenharia um papel não só de um estilista e costureiro e sim como um observador privilegiado da vida contemporânea, em suas palavras. Assim como Cardin as suas ações eram vistas como rebeldia pelos próprios colegas costureiros e diretores criativos de *maison*, isso talvez demonstre no que se resume o processo inovativo na moda, e principalmente do momento histórico da década de 60, a quebra dos padrões seja na área de criação ou na área produtiva e distributiva, a moda como tudo no mundo precisa de revoluções para se superar sempre.

Nos seguintes anos a dinâmica do modelo *prêt-à-porter* crava a moda como uma atividade industrial de extrema relevância, instituindo a projetada democratização do setor. As grandes capitais do mundo na época como Nova York, Tokyo, Milão e Londres são tomadas por essa dinâmica, marcando um grande processo de expansão do mercado da moda em âmbito mundial.

[...] dessa forma a moda descontextualizou-se, não tem mais objetivos nem desafios, “Só nos resta sermos nós mesmos”. E é assim que a moda, com sua história, revela, em seu interior, um percurso de conhecimento, uma conexão entre o que somos o que éramos e o que poderemos ser. Até porque quem somos e, em termos mais gerais, “o que o homem é somente a história pode dizê-lo” (SORCINELLI, 2008, apud GALASSO, 2000, p.13).

A interpretação do declínio da *haute-couture* no momento não se dava por uma simples falta de clientes ou saturação do mercado, e sim por uma falta de circunstâncias que permitiam a mesma existir hegemonicamente da forma que era, a transição da indústria e mercado na moda na década de 1960 foi um marco para compreender as novas relações de consumo e utilidade no mundo.

Vale pontuar, que a *haute-couture* não foi engolida pelo fenômeno do *prêt-à-porter*, e sim ganhou um aliado para ocupar um hiato que emergia após as grandes mudanças mundiais no contexto da década de 60, dando maior liberdade para *haute-couture* inclusive se tornar o que é nos dias de hoje, uma tela em branco para os costureiros poderem expressar a pura estética conceitual que desejam em suas coleções, enquanto servem às demandas populares com suas coleções *prêt-à-porter* em suas lojas.

A *haute-couture* não morreu com a nova dinâmica das cadeias produtivas de reprodução e distribuição da moda, muito pelo contrário, ela sobreviveu e ressurgiu se aliando a essa nova dinâmica, compreendendo que o vazio demandado pela juventude rebelde que surgia e da consolidação da classe média, agora havia sido preenchido e as grandes *maisons* voltavam a ser extremamente rentáveis e sustentáveis como modelo de negócio.

O que se descreve como uma crise da alta-costura não é, talvez, senão um indício, entre outros, de uma reestruturação deste aparelho ligada à aparição de novos signos de distinção (tais como esportes de luxo, viagens longas, casas de campo etc.) e a um aggiornamento do cerimonial tradicional da distinção burguesa que, sem dúvida, corresponde a um reforço da intolerância em

relação às exposições tradicionais das marcas estatutárias de distância social (BOURDIEU; DELSAUT, 2001, p. 54).

Portanto o início dessa análise responsabiliza-se não apenas por observar o fenômeno da moda e suas transformações históricas das cadeias produtivas e distributivas e sim emaranhar as relações e condições das transformações sociais e econômicas na história da sociedade mundial e ressaltar a pressão pelo caráter de necessidade da dinâmica inovativa dentro da moda.

Abrindo caminho para a discussão da próxima grande transformação da dinâmica da indústria e mercado da moda e a integração no espectro global que será percorrido no capítulo posterior, o modelo *fast-fashion* e as influências do mundo pós quarta fase da Globalização, a instituição de uma cultura globalizada e a expressiva força do consumo com ritmo frenético e do surgimento das mídias sociais com o boom tecnológico da internet.

CAPÍTULO 2 – O PROCESSO DA MUNDIALIZAÇÃO E O FAST FASHION

A cadeia de produção e distribuição da indústria de vestuário tem uma estrutura complexa devido a divisões separadas independentemente e uma sequência de complexos processos necessários em cada uma dessas divisões.

Esses são, a perspectiva do consumo de tempo nesse setor e os processos de trabalhos intensivos em mão de obra na cadeia de valor global da indústria de vestuário, que expressam as necessidades e mobilizações que ocorrem nas relações no modelo do *fast-fashion*.

A evolução das estratégias de industriais adotadas pelas empresas de vestuário é marcada por duas tendências: o aumento da terceirização da produção e uma crescente dependência da produção no exterior. Na União Europeia, a terceirização da mão de obra para os países em desenvolvimento está aumentando. As empresas que produzem no exterior dependem cada vez mais de terceirização em contraste com as unidades de produção de propriedade direta. Em geral, a produção das unidades de produção da União Europeia caiu de 72% em 1983 a 70% em 1988, e 60% em 1992.

O uso da mão de obra barata para produção e para fornecimento dos países periféricos por indústrias de vestuário da União Europeia progrediu dramaticamente nos

últimos anos. De 28% do valor da produção em 1983, a produção e fornecimento fora da Europa cresceu para 40% em 1992.

Há uma clara aceleração da deslocação da produção após 1988. Parece ser uma tendência irrefreável que se estende para países periféricos em desenvolvimento a fim de se apropriar de baixos custos por uma mão de obra barateada e aproveitar dessa dinâmica para aumentar a absorção do excedente.

Atualmente, mais de 60% das exportações mundiais de vestuário são fabricadas em países em desenvolvimento. A Ásia é hoje o maior fornecedor mundial, produzindo mais de 32% das exportações mundiais de vestuário.

2.1 – O surgimento do modelo produtivo e distributivo do *fast fashion* e as CGV's

A indústria da moda vinha apresentando tendências de crescimento e expansão produtiva cada vez mais, com o processo de internacionalização do capital, o avanço tecnológico, e com o desenfreado estímulo ao consumo, a indústria da moda foi sofrendo essa metamorfose acompanhando o cenário econômico global. O bombardeio de estímulos ao ciclo de consumo e da efemeridade, instaurado pelo capitalismo moldou a necessidade do constante desejo do novo, que alimenta essa lógica.

Um elevado risco coloca em xeque o sistema de produção que se baseia no “tempo longo” de criação e produção: o longo processo que vai da criação do produto até sua produção e distribuição deve levar em conta que sua vida comercial, hoje, se reduz enormemente e que o desejo de novidade e a rapidez dos processos de consumo são características comuns a todos os mercados contemporâneos. (CIETTA, 2012, p. 11).

Inserido nesse contexto de transformação acelerada da dinâmica produtiva e distributiva do mundo, surge o modelo *fast fashion*, que emerge como um fruto da hipermodernidade, revelando a conjuntura histórica do processo de transformação da cadeia produtiva da moda.

A década de 90 foi marcada pelos infintos avanços tecnológicos que possibilitaram a mobilidade e principalmente a integração dos mercados de bens, serviços e capital. O crescente estímulo produtivo e de consumo irrigado pelos avanços tecnológicos e pelo intercâmbio de bens e serviços, resultou na ampliação dos mercados, da oferta de mão de obra e de matéria prima.

O processo da globalização resulta na reorganização do espaço mundial, orientado pelos interesses do capital transnacional, portanto, o que observamos é que o rearranjo da estrutura econômica no mundo está calcado no aumento da produtividade, com redução dos custos, não propriamente um interesse do desenvolvimento dos países nos quais esses recursos estão sendo alocados e nas condições da classe trabalhadora. A importância de compreender a ordem dos interesses e o resultado do processo da globalização, é entender o paradigma do modelo de produção do *fast fashion*.

Especificamente, o processo de produção ocorre onde o custo da mão-de-obra é mais barato, pois os agentes globais não querem saber de regulações, eles querem ter total liberdade para atuar no espaço global e instalar as suas unidades no espaço local. (BACELAR, 2008 apud ROUSSENQ 2017, p.21).

Chesnais (1995) salienta a forma que se dá o processo da mundialização, portanto, é estimulado pela orientação do capital industrial e financeiro, as estruturas do comércio e da cadeia produtiva internacional é moldada pelo direcionamento do Investimento Externo Direto. As grandes empresas transnacionais mobilizaram as suas estratégias globais, o capital industrial concentrado firma o domínio de mercado e as relações do oligopólio mundial.

O capitalismo em sua fase pós-moderna, buscou por meio da mundialização enraizar-se nas esferas econômicas produtivas e financeiras através da expansão dos ciclos de investimento internacionais para mobilizar a ampliação dos fluxos de capital, bens e serviços e da solidificação da concorrência internacional.

A centralização do capital firmou a relação das estratégias das firmas transnacionais para com o mundo e a cadeia global de valor, assegurando o seu núcleo de gestão em seus países e se pulverizando no mundo atrás de se instalar em países com baixo custo de mão de obra, a fim de explorar e aumentar a sua lucratividade, além de efetivamente buscarem novos mercados consumidores a serem exploradas. (LIPIETZ, 1988)

A indústria da moda tornou-se uma das maiores cadeias de produção e consumo, inserindo-se na dinâmica das cadeias globais de valor se apropriando dessa dinâmica de produção. Essa expansão do capital dos países de centro para os países periféricos principalmente instalando seus setores produtivos na Ásia e América Latina traduz a relação de capital-estado.

[...] o contexto em que floresceu o tipo de análise proposto por Gereffi corresponde ao que se chama de globalização econômica, entre cujos traços figura uma difusão mundial das atividades industriais inclusive rumo a países do Terceiro Mundo. A abordagem das cadeias mercantis globais é considerada estrutura analítica capaz de captar, interpretando-a, essa dinâmica contemporânea do capitalismo e de contribuir para a reflexão sobre as possibilidades dos países e regiões envolvidos nas transformações recentes (LINS; ALVES, 2005, p.6).

As cadeias globais em suma são estruturadas pela produção em países periféricos com mão de obra barata para a produção, passando por todas as etapas da produção (visto no caso da indústria de vestuário, desde a produção de fibras naturais, fibras manufaturadas, fiação, tecelagem, malharia, até sua confecção) e efetivamente a sua transição em países de centro para produtos com elevado valor agregado como apontam Arient e Filomeno (2007) acerca do moderno sistema mundial.

[...] verifica-se nova conceitualização da dicotomia centro-periferia, a qual é transformada em um conceito relacional que descreve uma realidade também relacional. As estruturas produtivas são constituídas por cadeias de mercadorias centrais ou periféricas. Distintas quantidades dessas cadeias são encontradas em cada economia. Embora essas estruturas tenham sua existência determinada como central ou periférica, os países podem ser definidos em três classes de acordo com a disposição proporcional dessas cadeias. Os países centrais abarcam parcela maior de atividades centrais em seu território enquanto os periféricos contêm relativamente mais atividades periféricas. As semiperiferias abrangem, sob sua jurisdição, esses dois tipos de cadeias em proporções semelhantes. A dualidade da configuração estatal presente no pensamento estruturalista ou em parte da perspectiva da dependência seria, assim, superada ao se remeter a essa explicação econômica. (LIMA, 2007, p. 59)

A dinâmica da nova divisão internacional do trabalho (DIT) ressalta as entranhas das relações de desigualdade do capitalismo, sendo um resultado da crise do modelo fordista, “A nova divisão do trabalho tende a se limitar a um deslocamento, em benefício apenas do centro e desejado pelas empresas desse centro, dos níveis de baixa qualificação da tripartição fordista.” (LIPIETZ, 1988, p. 116).

O processo de internacionalização da produção foi acelerado pelo avanço dos transportes, que permitiu assim, o intercâmbio de bens e matérias primas entre os países

e o avanço dos sistemas de comunicação. O barateamento dos transportes e das tecnologias de comunicação e informação, firmou a sistemática da gestão remota das etapas das cadeias produtivas.

As cadeias globais de valor são compreendidas por dois tipos de estruturas de cadeias internacionais econômicas, essas são, cadeias globais de valor “impulsionadas pelos produtores” e “impulsionada pelos compradores”. O presente trabalho irá se debruçar a apresentar e analisar as cadeias globais de valor impulsionadas pelos compradores.

As cadeias globais de valor impulsionadas pelos compradores funcionam na dinâmica apontada anteriormente, composta por fabricantes de marcas, grandes revendedores e comerciantes que tem o papel essencial no processo de pulverização das cadeias de produção para países exportadores, que como observado, possuem uma preferência em se instalarem em países periféricos em desenvolvimento.

Em sua maioria, essa prática pertence a setores intensivos em mão-de-obra, o que evidencia a relação hierárquica da divisão internacional do trabalho, a lógica do movimento de instalações de indústrias de bens de serviço em países periféricos é resultado da mão-de-obra barata.

A nova divisão internacional do trabalho não se define apenas pela divisão estrutural da composição da cadeia produtiva, mas conjuntamente com a sua pulverização pelos espaços geográficos. Se demonstrando e enfatizando a construção hierárquica global, onde as desiguais distribuições do excedente, que se explicitam na concentração do mais valor produzido nos países centrais que executam o processo de exploração, absorvendo tanto o mais valia de seus próprios trabalhadores como o dos países periféricos em que se instalam.

O que ocorre dentro da própria dinâmica das cadeias globais de valor, é o monopólio de certos elos estrategicamente planejados para que se obtenha maior concentração do valor, o que muito ocorre, é que esses monopólios se ampliam apontado pela ideia schumpeteriana, em razão de vantagens tecnológicas no setor.

O problema da apropriação, concentração e centralização do excedente econômico é o ponto crucial do desenvolvimento/subdesenvolvimento e, portanto, do sistema de

interdependência mundial. Assim, importa considerar os tipos de relações e as formas de apropriação dos recursos produtivos da periferia pelo centro ao longo dos últimos cinco séculos. (MACHADO, 1999, p.205)

Os capitalistas, a fim de garantir a mundialização e por consequência a divisão internacional do trabalho, se escorou nos Estados-nação centrais, um passo importante da simbiose do capital e Estado. A expansão geográfica para demais novas regiões que seriam estimuladas a adentrar na cadeia produtiva e serem consumidoras em um processo de submissão, assim garantindo a capacidade de absorção do excedente produzido nesses elos da cadeia.

Historicamente, capitalistas e Estados organizam o processo de produção mundial entre várias regiões geográficas, de forma que haja uma concentração de atividades monopolistas em determinadas regiões, tornando-as regiões centrais (que podem coincidir com territórios de Estados nacionais), e atividades sem condições de escapar da concorrência de seus competidores e da troca desigual dos monopolistas em outras regiões, tornando-as regiões periféricas (da mesma forma, podendo coincidir com territórios nacionais ou mesmo continentais). (ARIENTI; FILOMENO, 2007, p. 108).

Para garantir a relação de submissão e controle foi necessário que as intenções dos capitalistas conseguissem colocar o seu Estado-Nação a frente dos interesses para que combatessem qualquer ameaça de outros Estados-nação economicamente fortes que arruinariam os monopólios garantidores de lucros extraordinários, o que basicamente foi apresentado sobre o laço intrínseco das burguesias locais com os Estados, que desempenham o papel de principal assegurador do controle monopolístico dos segmentos das cadeias produtivas que os garantem maior absorção de excedente.

O que aqui se busca destacar é que subordinação e dependência se relacionam à correlação interna de forças em cada país que adentra a estrutura do Estado-nacional. Países diferentes, com composições de poder de classe específicas, submetem-se, de forma própria, ao movimento de internacionalização do capital. Definem assim sua forma de participação na acumulação mundial de capital, estruturalmente. O resultado desse processo determina quais nações têm poder relativo para controlar sua participação na acumulação mundial de capital e quais estarão mais ou menos subordinadas, determinadas relações de dependência por dentro. (SAWAYA, 2021, p.85)

O que se observa é que a indústria de vestuário se adaptou a sua organização produtiva em rigor das cadeias globais, o segmento por ser fundado em um intensivo uso de mão de obra, direcionou ao processo da mundialização buscando instalar-se em países com baixa remuneração do trabalho muito devido a um grande exército de reserva de desempregados e com condições de trabalho e fiscalização beirando o zero.

Portanto, a relação na qual a pulverização das indústrias de vestuário se estabeleceu e o seu movimento não garante aos países em periféricos o seu desenvolvimento e na realidade muito menos o busca. O processo da mundialização calcada na nova divisão internacional do trabalho, explicita as relações de exploração da mão-de-obra barata em uma indústria intensiva em trabalho. Os países em desenvolvimento que funcionam como terreno ideal para a exploração desse tipo de indústria são tidos como meras ferramentas do movimento do capital transnacional para reduzir custo e extrair a mais valia.

A partir da mundialização do capital – principalmente dos anos 1980 em diante (CHESNAIS, 1996) –, que materializa o movimento das corporações transnacionais no processo de redistribuição de suas estruturas produtivas já internacionalizadas (desde o pós-guerra) em novas cadeias globais. (SAWAYA, 2021, p.83).

Figura 1. Estrutura da Cadeia Produtiva e Distributiva da Indústria Têxtil e de Vestuário.



Fonte: (Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (ABIT))

A estrutura da cadeia produtiva e distributiva da indústria têxtil e de vestuário é segmentada, inicialmente pelo fornecimento das matérias primas tanto naturais que são compostas principalmente por fibras vegetais (como o algodão) e de fibras e filamentos sintéticos que advém da indústria de transformação química, prosseguindo para a produção dos fios.

A composição inicial dos elos da cadeia produtiva da indústria de vestuário é composta por dois complexos e relevantes setores do mercado mundial, dialogando diretamente com o setor agrícola e com as indústrias químicas.

*(elencar dados da produção mundial de algodão, fibras vegetais e fibras sintéticas)

A sua segunda segmentação compreende a produção e fornecimento dos tecidos, sejam eles tecidos ou malhas sintéticas, além do fornecimento dos aviamentos para a futura composição do vestuário.

A terceira etapa, responsável pela confecção das peças, é constituída pelas redes de produção, segmentando para a área das indústrias de vestuário, que na maioria do panorama global de divisão internacional do trabalho, são instaladas em países periféricos.

A quarta e última etapa da cadeia produtiva da indústria de vestuário compreende o setor de logística da distribuição, dividindo-a para o mercado exterior por meio das importações orientadas pelos intermediários comerciais. E a área de comercialização de varejo do vestuário confeccionado.

À medida que as diferentes regiões fossem sendo incorporadas aos mercados mundiais, diferentes modos de produção seriam nelas desenvolvidos em atividades especializadas conforme a distribuição local de recursos humanos e naturais para melhor adequá-las às demandas da economia-mundo capitalista, em uma forte tendência à especialização regional. (CHANG, 2012, p. 19).

Embora apresentado a segmentação da cadeia produtiva da indústria de vestuário o que deve ser identificado e questionado é que a remuneração do trabalho incorporado em cada um dos elos é distribuída de maneira assimétrica, isso porque a composição da cadeia produtiva e distributiva é segmentada em diferentes Estados-nação, de maneira

que garantam a concentração logística e distributiva nos países centrais, enquanto as etapas que se utilizam de força de trabalho nos países periféricos.

O valor final de uma peça de vestuário confeccionada é concebido pelo trabalho incorporado em cada etapa dos processos produtivos, porém a remuneração do trabalho em cada elo da cadeia produtiva não é atribuída e distribuída de maneira justa. Isso se apresenta conforme foi discutido e apresentado de maneira mais profunda anteriormente, pelas relações de exploração dos capitalistas dos países centrais para com os países periféricos sob a luz da Teoria da Dependência e firma-se a relação que a centralização do capital é garantida aos capitalistas pelos Estados-nação pelo sistemático controle das etapas produtivas.

2.2 – Os processos migratórios da cadeia produtiva da indústria de vestuário.

A cadeia produtiva da indústria de vestuário por diversas e importantes dinâmicas migratórias, desde o seu início antes da mundialização, nos anos 50, sempre tendo o continente asiático como um ponto extremamente importante.

O primeiro processo migratório da indústria de vestuário se deu nos anos 50 e início dos 60, com a mobilização das indústrias estadunidenses e da Europa Ocidental para o Japão, a primeira migração de elos produtivos ocidentais da indústria têxtil e de vestuário foi ocasionado pelo impulso do aumento do volume de importações do Japão.

O próximo processo migratório se pulverizou pelo continente asiático, após o desenvolvimento do Japão nos anos seguintes, a indústria de vestuário buscava se estender em busca de mão-de-obra barata, assim o movimento passou do Japão para a Coreia do Sul, Hong Kong e Taiwan. A movimentação da cadeia produtiva nessa segunda etapa garantiu domínio global de exportação de vestuário nos anos 70 e início dos anos 80.

O terceiro estágio do processo migratório ocorreu no final dos anos 80 e nos anos 90, impulsionado pela mundialização do capital, os elos produtivos da cadeia da indústria de vestuário se direcionaram dos Tigres Asiáticos para outras economias periféricas em desenvolvimento. Com o crescimento da economia chinesa e um alto grau de oferta de mão-de-obra barata na década de 80, por consequência, atraída por isso a produção se instalou predominantemente na China continental e nos Novos Tigres Asiáticos do sudeste asiático, como a Tailândia, Filipinas, Indonésia, Malásia e Sri Lanka.

A década de 90 foi marcada por outro expansionismo da cadeia produtiva da indústria de vestuário, os polos industriais então definidos e concretizados na Ásia buscaram na América Latina uma forma de se estender.

A partir do momento em que as grandes transnacionais líderes do setor da indústria de vestuário incorporaram os modelos globais de divisão de trabalho na década de 70, a fabricação foi pulverizada e se tornou de domínio dos países em desenvolvimento (periféricos).

Entretanto, as ondas migratórias se destinaram a um padrão geográfico totalmente influenciado pelas preferências e facilidades da mobilização do capital, principalmente pelas questões as cotas e acordos preferenciais, que teve início com o desenvolvimento do “Acordo de Longo Prazo Relativo ao Comércio Internacional Textil de Algodão e Substitutos”, sob os indicadores do Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio (GATT) a partir de 1962, sendo expandido para demais materiais como as fibras sintéticas sob o Acordo Multifibras (MFA) estabelecido em 1974.

Tabela 1, Maiores Países Exportadores de Vestuário, no período de 1995 a 2008.
(Valores em Bilhão de Dólares)

Países ou regiões	1995		2000		2005		2007		2008	
	Valor	%	Valor	%	Valor	%	Valor	%	Valor	%
China	24,0	15,2	36,1	18,2	74,2	26,8	115,2	33,3	120,0	33,2
União Europeia (c)	48,5	30,6	56,2	28,4	85,5	30,8	105,1	30,4	112,4	31,1
Turquia	6,1	3,9	6,5	3,3	11,8	4,3	13,9	4,0	13,6	3,8
Bangladesh (b)	--	--	5,1	2,6	6,9	2,5	8,9	2,6	10,9	3,0
Índia	4,1	2,6	6,0	3,0	8,6	3,1	9,8	2,8	10,9	3,0
Vietnã (b)	--	--	--	--	4,7	1,7	7,4	2,1	9,0	2,5
Indonésia	3,4	2,1	4,7	2,4	5,0	1,8	5,9	1,7	6,3	1,7
México (a)	2,7	1,7	8,6	4,4	7,3	2,6	5,1	1,5	4,9	1,4
Estados Unidos	6,7	4,2	8,6	4,4	5,0	1,8	4,3	1,2	4,4	1,2
Tailândia	5,0	3,2	3,8	1,9	4,1	1,5	4,1	1,2	4,2	1,2
Paquistão	--	--	--	--	3,6	1,3	3,8	1,1	3,9	1,1
Tunísia	2,3	1,5	--	--	3,1	1,1	3,6	1,0	3,8	1,0
Cambodia (b)	--	--	--	--	--	--	3,5	1,0	3,6	1,0
Malásia	2,3	1,4	--	--	--	--	--	--	3,6	1,0
Sri Lanka	--	--	2,8	1,4	2,9	1,0	--	--	3,5	1,0
Hong Kong (d)	9,5	6,0	9,9	5,0	7,2	2,6	5,0	1,4	--	--
Marrocos	--	--	--	--	2,8	1,0	3,5	1,0	--	--
Coreia do Sul	5,0	3,1	5,0	2,5	--	--	--	--	--	--
Taipei	3,2	2,0	3,0	1,5	--	--	--	--	--	--
República Dominicana	--	--	2,6	1,3	--	--	--	--	--	--
Filipinas	2,4	1,5	2,5	1,3	--	--	--	--	--	--
Polónia	2,3	1,5	--	--	--	--	--	--	--	--
Mundo	158,4		197,7		277,1		345,8		361,9	
Top 15 total e % da Exportação Mundial										
	127,5	80,5	161,5	81,7	232,6	83,9	299,1	86,5	315,0	87,0

(a) Inclui importantes pelas zonas de processamento. (b) Alguns anos incluem estimativas. (c) Valores da União Europeia incluem trocas internas; valores de 1995 representam apenas o EU-15. (d) Exportação doméstica apenas. (--) Indica países não inseridos no top 15 no ano dado.

Fonte: WTO, 2010. Tabela retirada (FERNDEZ; FREDERICK; GEREFFI) e adaptada.

A tabela acima nos auxilia a visualizar as mudanças do mercado mundial de vestuário a partir de dados das exportações das principais economias no setor entre 1995 e 2008, que foi realizada pelas ondas de migração da cadeia produtiva, majoritariamente para o continente asiático.

2.3 - O imperialismo da produção e as Cadeias Globais de Pobreza

Conforme apresentado anteriormente pela abordagem das cadeias globais de valor (CGV), o processo de fragmentação e pulverização da produção é um processo histórico da expansão do capitalismo em um novo estágio, e este é determinado pelos processos da superestrutura de produção que o mundo está inserido.

A questão por trás das novas relações de dependência está emaranhada na dinâmica da expropriação dos excedentes globais dos países periféricos através dos baixos preços produzidos no Sul global e a incorporação de suas exportações às economias centrais.

A exploração da mão de obra barata que resulta nas migrações e instalações dos polos produtivos principalmente na Ásia e na América Latina é um ponto chave para se compreender e se aprofundar na estrutura da cadeia da indústria de vestuário que é essencialmente ligada a um setor intensivo em mão de obra, e assim nos possibilitar a estudar as particularidades das relações, suas dinâmicas e os mecanismos de expropriação, que conforme evidenciado anteriormente se dá na troca desigual de bens que incorporam distintas quantidades de valor e a repatriação do mais-valia por meio do investimento externo direto (IED).

A integração das principais economias em desenvolvimento do Sul global no sistema mundial capitalista, liderado por corporações transnacionais e instituições financeiras do Norte global, a partir do início das ondas migratórias dos polos de produção da Europa ocidental e dos Estados Unidos no final da década de 50 para a Ásia e posteriormente para a América Latina explicita a dependência centro-periferia dessas economias em relação às exportações e sua a desarticulação social.

As baixas taxas de remuneração nessas economias são consequência de cinco principais fatores, esses são: (1) O estrangulamento causado pela pressão forçosa de suas importações a competirem e barganharem por mínimas porções no amplo mercado consumidor; (2) exploração de recursos naturais e de valor que poderiam ser utilizados para desenvolver as forças produtivas nacionais; (3) falta de resolução da questão agrária, o que amplia a oferta de mão de obra; (4) políticas repressivas adotadas por regimes subservientes à ordem neoliberal, que se beneficiam do sistema e, portanto, se recusam ou são incapazes de aumentar os salários com medo de aflorar e induzir uma maior barganha da classe trabalhadora e de enfrentar resistência política; e (5) fronteiras militarizadas que impedem a mobilidade dos trabalhadores em direção aos países centrais do Norte global, mantendo assim a disparidade nos retornos do trabalho.

Devemos, portanto, nos debruçar a buscar os elementos que direcionaram a mudança espacial dos polos de produção. A nova divisão internacional do trabalho é nada mais do que um fruto da dinâmica intrínseca do capital de busca por obtenção e escalonamento dos lucros advindos da incorporação do valor nas etapas produtivas.

Podemos destacar os processos de aumento gritante na incorporação e aumento da classe proletária industrial ao sistema do capitalismo global, esse ponto é decorrente de algumas questões, primeiramente do crescimento demográfico dos países do Sul global (vale destacar o retardamento da população economicamente ativa dos países da Europa e dos Estados Unidos que ocorre no sentido contrário).

Tabela 2, Crescimento da população mundial por continentes do período de 1950-2100 (projeção)

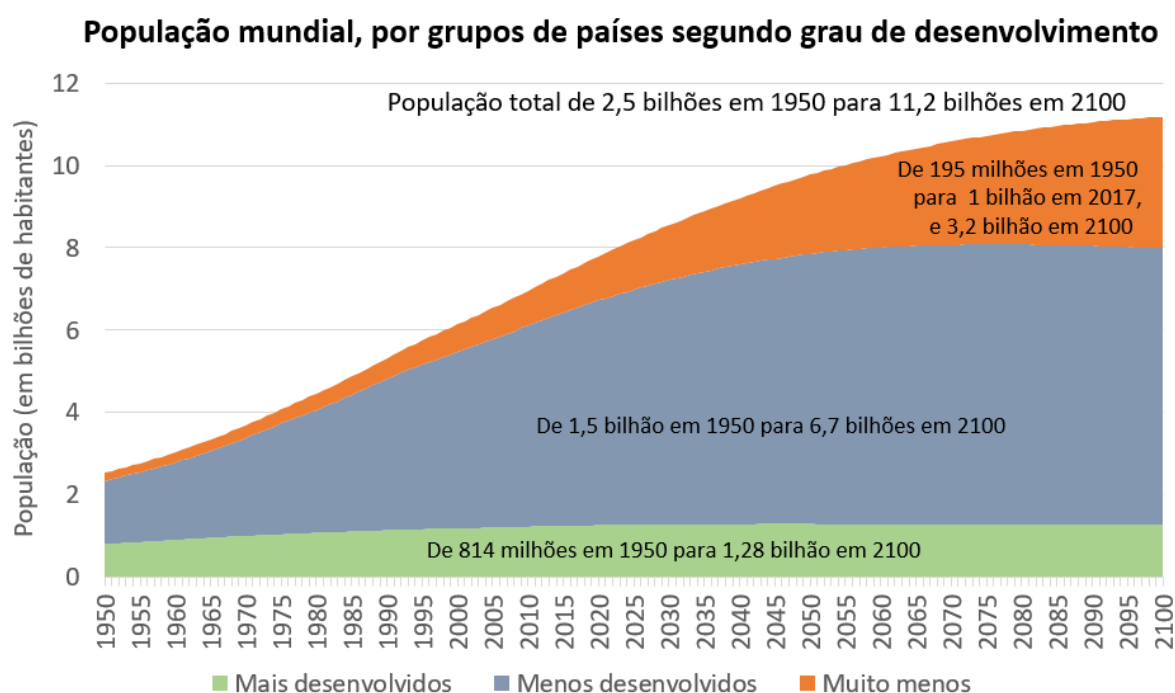
População do mundo e dos continentes, anos selecionados, revisão 2019 da ONU (e estimativa da revisão 2017 para o mundo e continentes em 2100)						
Continentes	1950	2000	2020	2050	2100	Rev. 2017
Mundo	2.536.431	6.064.239	7.794.799	9.735.034	10.874.902	11.184.368
África	227.794	810.984	1.340.598	2.489.275	4.280.127	4.467.588
África Subsaariana	179.007	639.661	1.094.366	2.117.731	3.775.269	4.001.756
Ásia	1.404.909	3.741.263	4.641.055	5.290.263	4.719.416	4.780.485
Europa	549.329	725.558	747.636	710.486	629.563	653.261
ALC	168.821	521.836	653.962	762.432	679.993	712.013
América Norte	172.603	312.427	368.870	425.200	490.889	499.198
Oceania	12.976	31.425	42.678	57.376	74.916	71.823

Fonte: UN/Pop Division: World Population Prospects 2019

<https://population.un.org/wpp2019/>

O recorte entre 1950 e 2020 nos permite observar o crescimento demográfico dos países do continente Africano, da Ásia e da América Latina, e o contraste que podemos observar com o freio do crescimento demográfico na Europa e na América do Norte (vale ressaltar que através dos dados fornecidos pelo CEIC Data, o México possuía uma população de 26.655 milhões de habitantes em 1950 e chegou aos 143,9 milhões em 2022, tendo um crescimento populacional nesse período de aproximadamente 5,5 vezes).

Figura 2. Crescimento da população mundial por grupo de países por grau de desenvolvimento



Fonte: UN Population Division (2017). World Population Prospects: The 2017 Revision <https://esa.un.org/unpd/wpp/>

Fonte: UN Population (2017). Word Population Prospects: The 2017 Revision
<https://esa.un.org/unpd/wpp/>

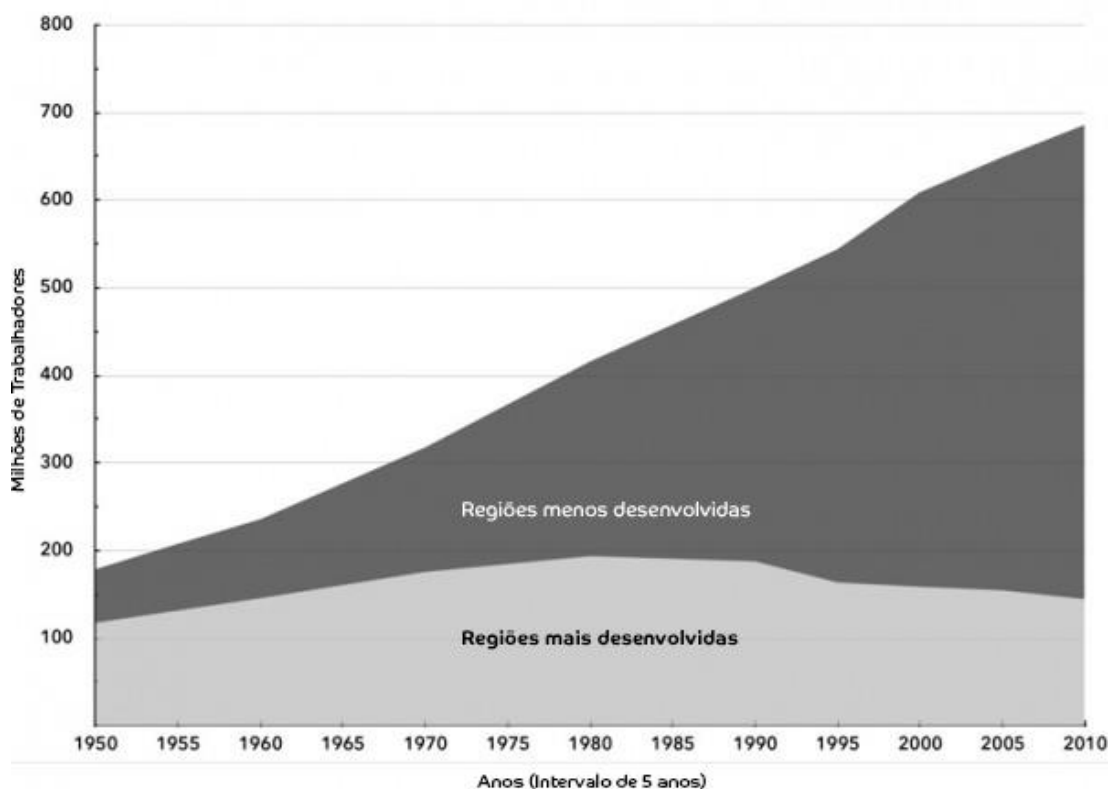
Outros dados interessantes que a Divisão de População da ONU de 2017 nos mostra é empiricamente a distinção do crescimento populacional das nações periféricas em relação aos países centrais.

Além de propriamente o crescimento demográfico dos países do Sul global que temos abordado em nossa análise, a incorporação da classe proletária mundial deriva do processo de industrialização substancial dessas economias, ainda mais forte a partir da metade da década de 70, dos chamados Tigres Asiáticos que foi pautado no investimento estrangeiro externo do Japão e das economias capitalistas centrais conforme já discorrido

sobre a mundialização do capital anteriormente, após abertura da economia chinesa ao capitalismo global e as ondas da terceirização produtiva de migração para Índia, Bangladesh, Vietnã, Indonésia, Brasil e México, e assim por outras economias também recém-industrializadas, no caso da indústria de vestuário vimos a forte presença desses países na produção global.

Esse fator nos revela, portanto, um crescimento de pelo menos um bilhão de proletários industriais presos dentro dessa dinâmica da exploração maior do excedente não apenas da produção individual, mas também global do capitalismo em seu estágio do imperialismo das estruturas produtivas das cadeias globais de valor. Assim mais de 80% dos trabalhadores industriais representam a incorporação dos países do Sul global, enquanto da mesma forma apontada anteriormente sobre as questões demográficas, os países do capitalismo central vêm cada vez menos incorporando as forças de trabalho industrial global nas últimas décadas.

Figura 3. Força de Trabalho Industrial Global, 1950-2010



Fonte: Lausen e Cope (2015). Tradução autoral.

Diferentemente de como as teorias da dependência apontavam sobre a ideia da repressão contínua das economias do capitalismo central para frear qualquer desenvolvimento das indústrias das economias periféricas para assim manter a relação de subserviência e da deterioração dos termos de troca, enquanto se mantinha os países periféricos como economias primário exportadoras, fornecendo bens agrícolas, matérias-primas e apenas bens industriais de mísera sofisticação intensivos em mão de obra.

O que de fato ocorreu, porém, foi um processo de industrialização das economias periféricas enquanto orientado pelas movimentações do capital transnacional e pelo comércio dos capitalistas centrais.

Antes a industrialização do Sul global que se era tida como um problema para a dinâmica do capitalismo, estava em sua realidade sendo remediadora (pelo menos temporariamente) para as crises políticas e econômicas capitalistas dos anos 1970, intensificadas pela crise do petróleo, pela queda das taxas de lucro, pelo aumento das pressões de barganha dos movimentos sindicais dos Estados Unidos e Europa Ocidental que buscavam salários maiores e maiores garantias.

Portanto, como podemos observar, os processos de industrialização dos países periféricos não ocorreram pelas necessidades e demandas políticas, e sim por uma direção que essencialmente mantinha e aprofundava as novas relações de dependência para uma escala global.

Deve ser destacado que essa nova orientação da política econômica imperialista está fundamentada em dois espectros, esses são, o político, que se traduz no desenvolvimento das ideologias neoliberais que culminam no Consenso de Washington em 1989, que orientavam as economias a uma liberalização financeira e comercial com a dissolução das barreiras nacionais ao fluxo de bens e capitais, o controle das regras de comércio global através da instituição da Organização Mundial do Comércio, dentre todos os demais instrumentos de imposição. O segundo ponto é a fragmentação da produção e pulverização pelo mundo, a estruturação das cadeias globais de valor com regimes administrativos recém-formados, que é a fundamental estrutura da indústria de vestuário.

A expansão do capitalismo que havia estabelecido o comércio de bens e de oferta de capital através da financeirização como ferramentas transnacionais, agora estabelece até mesmo a produção em elos segregados em cadeias de valor global. Orientando assim

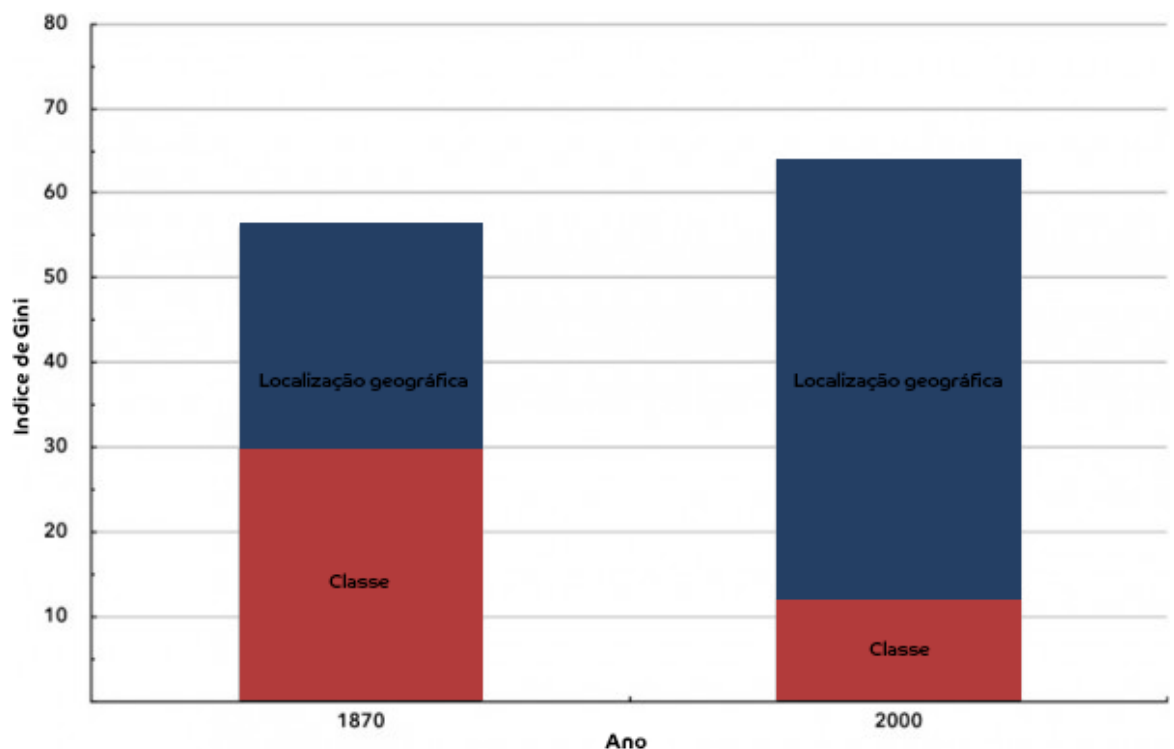
os subprocessos da produção onde se obtém as maiores vantagens ao capital, portanto, onde as leis e fiscalizações tributárias serão afrouxadas, e o custo de produção reduzido ao limite.

A nova divisão internacional do trabalho é uma polarização do mundo que enquadra as economias dos Sul global como economias de produção (fábrica do mundo) e as economias centrais capitalistas como economias de consumo, galgado fundamentalmente na estrutura global de alocação de mão de obra a setores como a indústria de vestuário que é intensiva em mão de obra de acordo com as taxas diferenciais de exploração dos baixos níveis de salários dos países periféricos em ordem global.

A inclinação para a terceirização da produção e investimento da indústria de vestuário em economias recém industrializadas de países periféricos tem como força motriz a diferença de níveis salariais de fatores dez vez maiores ou até mais em comparação com os níveis salariais de suas economias, como podemos observar que a relação de trabalhadores no mundo que vivem com menos de 2 dólares por dia é de um para três, segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT) em 2010, cerca de 942 milhões de trabalhadores que incorporam as três bilhões de pessoas da força de trabalho mundial foram classificados como “trabalhadores pobres”. (SELWYN, B. 2014)

Um elemento de extrema importância para esse debate é a análise por trás do aspecto histórico e de composição geográfica dos níveis de salário, isso por que, diferente do que possa ser atribuído a questão da desigualdade de renda, pode-se observar que o nível de desigualdade global em 1870 era significativamente inferior do que hoje. A desigualdade além de possuir a sua dinâmica primária das classes, ela não pode também não ser atribuída a nova dinâmica do capitalismo contemporâneo, a desigualdade transcorre também o fator geográfico, que determina cerca de 80% da desigualdade global, sendo resultado direto das políticas econômicas, militares e legais na relação dos países centro-periferia, além da carga material histórica das estruturas coloniais. (MILANOVIC, B. 2011)

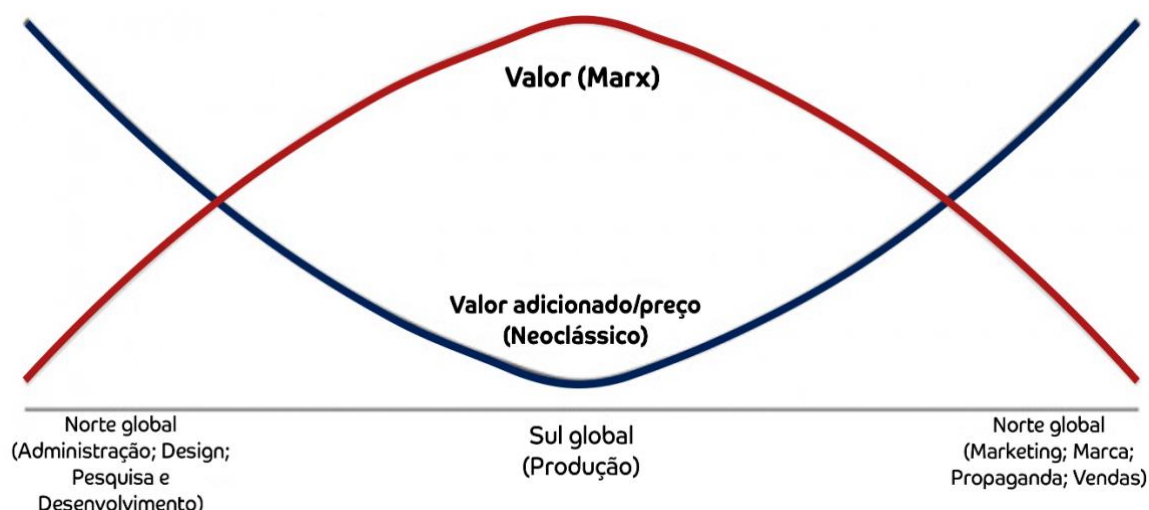
Figura 4. Nível e Composição da Desigualdade Global em 1870 e 2000 (Índice de Gini)



Fonte: Lausen e Cope (2015). Tradução autoral.

É necessário voltarmos a teoria do valor-trabalho e de suas compreensões sobre a distribuição do mais-valia de Marx para darmos um ponto de partida diferente sobre a análise ortodoxa das cadeias globais de valor (CGV's), sendo essencial para conseguirmos investigar as relações entre propriamente o capital e trabalho, empresas e as dimensões da exploração e empobrecimento do trabalhador sob o novo estágio do capitalismo e as falhas da teoria ortodoxa quanto um nível de abstração da realidade da fragmentação das cadeias produtivas.

Figura 5 - Concepções marxista e neoclássica da formação do valor e apropriação nas Cadeias Globais de Valor (Curva-sorriso).



Fonte: Adaptação e tradução autoral de Lausen e Cope (2015)

Pela ótica neoclássica que embasa a teoria das cadeias globais de valor, o valor agregado é tido com uma diferença entre os preços pagos pelos insumos e os preços garantidos pelas vendas dos produtos, conforme é colocado o valor agregado é incorporado exclusivamente dentro das empresas e a baixa remuneração dos salários dos trabalhadores são uma função de seu emprego em indústrias com poucas barreiras para entrada e assim são pressionadas a intensas competições de custos dentro de setores que são formados por um escopo limitado para agregar valor e baixos níveis de produtividade.

E, portanto, os aumentos de salário são resultado diretos do aumento da produtividade, competitividade e valor agregado no nível da empresa, quando empresas aumentam as barreiras de entrada para assim se beneficiarem das altas taxas de valor agregado garantindo maior lucratividade (Kaplinsky, 2004).

Dentro da concepção da “curva-sorriso”, o valor agregado está enormemente ligado às economias capitalistas centrais, onde são realizadas as partes de gestão das marcas e branding das marcas do setor de vestuário, ao passo que o trabalho de mão de obra realizado nas economias periféricas dos países do Sul global incorpora a menor parcela do valor da produção.

Porém, o primeiro enfretamento que temos com a composição *mainstream* da teoria das cadeias globais de valor, principalmente no que diz respeito a indústria de vestuário, é o fato dos trabalhadores que pertencem ao elo de produção da cadeia na Ásia e América Latina serem frequentemente mais produtivos do que os mesmos que

desempenham as mesmas funções nas economias capitalistas centrais, porém recebem uma porcentagem ínfima comparada as médias de salário no setor.

Conforme trabalhado por Marx no primeiro volume do *Capital* (2011), como funciona a dinâmica interna capitalista, o lucro capitalista se dá na capacidade do capital em tomar uma parcela maior de valor da força de trabalho (mais-valia) do que o próprio custo inicial. Assim as empresas são capazes de ampliar a expropriação do mais-valia através de diferentes formas, como o aumento das taxas de apropriação de mais-valia relativa que se traduz na intensificação da jornada de trabalho, e também na apropriação da mais-valia absoluta por meio da extensão da jornada de trabalho, o empobrecimento do trabalhador reduzindo os seus salários ou no limite a superexploração, pagando aos trabalhadores salários que não compreendem nem mesmo as necessidades mínimas de subsistência.

A exploração sob o capitalismo não é apenas um processo econômico (de geração e extração de mais-valia), mas também implica a subordinação do trabalho ao capital. Essa relação muitas vezes repousa e/ou dá origem à degradação física do trabalhador (Mezzadri, 2017). Conforme Marx colocou (1990, pag. 381), 'o capital... não leva em conta a saúde e a duração da vida do trabalhador, a menos que a sociedade o obrigue a fazê-lo.

O que podemos observar posta essa dinâmica explicitada Marx, e trabalhando a ideia principal sobre as ondas de pulverização migratória das cadeias produtivas nos países periféricos é a relação que a exploração da força de trabalho impera sobre os países do Sul global, o crescimento da economia de diversos países que incorporaram na cadeia global de valor não resolveu um ponto ainda mais importante, que veio no mesmo sentido, o aumento da pobreza da classe trabalhadora na Ásia e na América Latina, e condições sub-humanas de trabalho e cargas extremamente desgastantes dentro de fábricas ou oficinas de costura.

Dentro das economias periféricas a estrutura produtiva por trás permite que os níveis de exploração do mais-valia sejam ampliados com uma maior facilidade do que em economias centrais, em conjunto com isso, o progresso técnico capacitou que o ritmo de trabalho pudesse ser mais intensificado, promovendo a produtividade e assim possibilitando a remuneração ainda a uma taxa inferior de seu valor real. (MARINI, 1973, pág., 71 e 72)

O modelo de produção *fast fashion* da indústria de vestuário, que se estabeleceu a partir de 1990 se baseia exatamente na lógica de como iremos nos referir como Cadeias Globais da Pobreza (CGP's), e a superestrutura por trás de toda uma indústria que orientada pela própria dinâmica interna do capital, buscou e busca de forma concreta garantir a apropriação do mais-valia em uma conduta amplamente globalizada que nos mostra, portanto, o funcionamento de uma cadeia global que apropria o valor produzido nas economias periféricas, na indústria de vestuário enfaticamente no continente asiático e transfere esse valor incorporado para as economias capitalistas centrais onde as marcas e lojas se estabelecem.

CAPÍTULO 3 - BANGLADESH A ARMADILHA DA INDÚSTRIA DE VESTUÁRIO E DESENVOLVIMENTO PARA QUEM E A QUE CUSTO?

3.1 - A herança maldita nas fundações das estruturas de expropriação capitalista

Bangladesh é um país localizado no subcontinente do Ásia meridional que possui suas fronteiras quase que integralmente com a Índia e uma pequena parte do sudeste do país com o Myanmar (Birmânia).

Antes de propriamente avançarmos em uma análise atual e setorial sobre a indústria de vestuário de Bangladesh e sua incorporação nas cadeias globais da pobreza (CGP's), para podermos compreender com maior clareza as formações estruturais do país, no que diz respeito a suas relações econômicas e sociais devemos antes nos voltarmos ao seu passado, pelo menos de maneira breve para compreendermos a materialidade histórica que fundamenta as relações.

Como a grande parte dos países periféricos a raiz do colonialismo é presente, e em Bangladesh o mesmo ocorre, a região da Bengala onde se localiza o país foi palco das explorações coloniais europeias e controle da Companhia Britânica das Índias Orientais no século XVIII, cenário de disputas coloniais, exploração sem precedentes do povo bengali, guerras e uma miséria e fome instaurada pela lógica de exploração colonial, nos mostrando uma das maiores crises de fome induzidas pelo domínio britânico em suas colônias, a exploração colonial persistiu até a primeira metade do século XX.

A região controlada pelo governo britânico foi transformada em domínio de exportação agrícola e alimentícia para sustentar as forças militares inglesas e aliados na Segunda Guerra. Em 1943 a região da Bengala teve o estopim da fome generalizada na região, isso porque os processos exportadores do arroz na região motivados pela ordem imperialista britânica geraram um colapso da disponibilidade interna de alimento, impulsionando uma crise inflacionária severa cruel no setor alimentício.

Foi registrado de 3 a 3,5 milhões de mortes causadas pela fome e agravantes da mesma em doenças relacionadas a falta de nutrição apenas no ano de 1943, foi mais um dos palcos de genocídio público dos países capitalistas centrais no século XX, vale refletirmos que 1943 esse desastre da exploração foi mostrado ao mundo, porém nos anos

anteriores as relações e condições dos bengaleses não era distante do que foi visto. (GREENOUGH, 1982)

Em 1947 após o esgotamento da exploração colonial e administração colonialista da Companhia Britânica da Índias Orientais no pós-guerra, em 1947 ocorreram as independências de dois territórios, o então na época “Domínio do Paquistão” e a “União Indiana”, além disso foi acordado uma partição da província de Bengala, que se tornou território do Domínio do Paquistão, chamado Paquistão Oriental (1955).

A herança maldita do período colonial, em conjunto até mesmo com os processos no qual levaram a partição e independência regional do domínio britânico fundamentou e orientou a divisão de classes tanto no União Indiana como no Domínio do Paquistão e a formação de uma burguesia carregada das raízes históricas de exploração e opressão herdadas do processo imperialista colonial.

A burguesia paquistanesa era tão débil que não pôde adotar uma constituição na primeira década de formação do estado. E somente após 23 anos de existência, em 1970, é que eleições regulares aconteceram. Isto demonstra que a burguesia paquistanesa, à semelhança das burguesias nos demais países ex-coloniais, é completamente incapaz de desempenhar um papel progressista e impulsionar a sociedade. Não podem essas burguesias nem ao menos empreender as tarefas históricas, nacionais e democráticas, de uma burguesia. Em sua curta história de 60 anos, no Paquistão ocorreram 4 sucessivos golpes militares. (FREDEIKSEN, M., 2005)

As elites e a forte presença do poder militar no Paquistão Ocidental que ditavam as políticas econômicas e sociais do Paquistão Oriental, as lutas de classe e as forças por uma identidade nacional iam efervescendo. Os movimentos organizados passaram a partir do início dos anos 50 já mostrar uma força maior, porém as greves e manifestações na capital de Dhaka eram fortemente reprimidas, fundada em 1949 a Liga Popular de Bangladesh (Liga Awani) nasceu com uma forte orientação marxista, buscavam além da independência também conseguirem resolver reveses de ordem econômica e social, através de manifestações populares e a intelectualização como a busca da reforma agrária no país.

A Liga Awani conseguiu mesmo que dentro de limitações práticas vencer as eleições legislativas no final de 1970, porém a política centralista militar do Paquistão oriental não os permitiu ascender ao poder. No início de 1971, a principal figura pela busca da independência surge, Sheikh Mujibur Rahman líder da Liga Awani, e dá início ao processo de independência se virando contra as imposições do governo central.

Com isso, inicia-se a guerra de independência 1971, o que já era tido pelos intelectuais e revolucionários como a única saída para se libertarem das amarras do governo militar do Paquistão Ocidental.

As forças militares centrais iniciaram operações sangrentas para conter o movimento de independência, que foram contra-atacadas com a formação de guerrilhas armadas, como os guerrilheiros bengalis” Mukti Bahini” que compuseram o exército de libertação de Bangladesh que apoiados pelo exército indiano foram capazes de derrotar categoricamente as forças centrais do Paquistão Ocidental e assim conseguindo dar o primeiro passo para a construção de uma nação livre, desse processo das lutas de guerrilha

nasce então Bangladesh. Os anos seguintes para o campo de lutas políticas e sociais iriam ter que dar longos passos e passar por fortes eventos ainda influenciados pela herança colonial e das forças militares do Paquistão Oriental sobre as influências de uma burguesia fruto disso.

O trabalho não poderá se infiltrar em todas as condições históricas de formação políticas e sociais do país por um impedimento de abstração do tema que busca abordar, mas tão e somente por isso, visto que a formação de Bangladesh como nação após a independência em 1971 é apenas o início de uma sucessão de lutas com uma carga extensa e rica para análise dos enfrentamentos revolucionários no país, mesmo porque os processos de luta de classe contra a opressão da dinâmica econômica e política capitalista é um determinante cardinal e basilar para podermos compreender em última instância a lógica da expropriação global do mais-valia através dos instrumentos de apropriação das economias periféricas pela burguesia em seu estágio global e sua estruturação de dominância nas cadeias globais de valor.

3.2 - A composição e dependência na indústria de vestuário

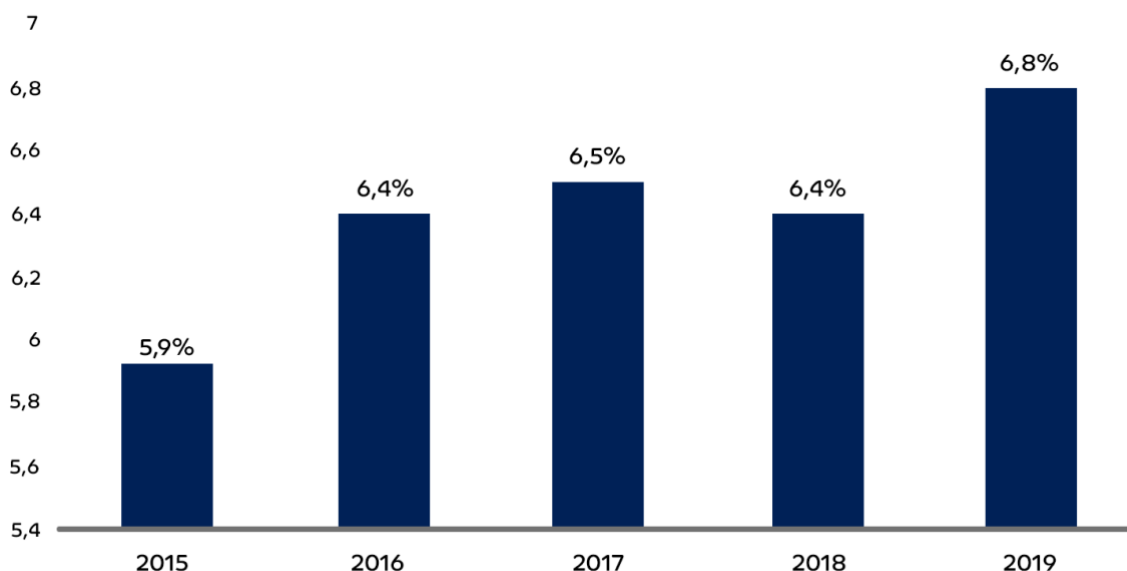
Os deslocamentos da cadeia produtiva orientadas aos países periféricos, e principalmente no continente asiático incorporou-os a posição de superexploração na cadeia global de valor em uma indústria extremamente fundamentada na intensiva mão de obra, uma orientação que conforme foi trabalhado no capítulo anterior, explicita a relação de exploração e ampliação das taxas de lucro das principais empresas do setor nos países capitalistas centrais e definitivamente transformaram a Ásia na fábrica de vestuário do mundo.

As participações da Ásia nas exportações globais da indústria de vestuário de fato se tornaram muito expressivas no cenário global da economia a partir do final dos anos 1990 e início dos anos 2000, alcançando o auge da participação das exportações do continente em 58% no ano de 2015 e mantendo médias muito elevadas ainda que inferiores nos anos seguintes. (ILO, 2022)

O país mais importante na produção e exportação da indústria têxtil é sem dúvidas a China, mas quando especificamente observamos a indústria de vestuário (RMG- *ready made garments*) e a proporcionalidade produtiva, Bangladesh nos impressiona com a sua participação nessa indústria no cenário global e como essa indústria se tornou um setor de dependência absoluta da economia do país.

Figura 6 – Expressividade de Bangladesh no cenário global das exportações da indústria de vestuário

BANGLADESH: PORCENTAGEM DE PARTICIPAÇÃO NAS EXPORTAÇÕES DO MERCADO GLOBAL DE VESTUÁRIO



Fonte: Elaborado pelo autor.

A estratégia de política econômica que o país adaptou após a independência em 1971 buscava conseguir fundamentar a sua economia em suas empresas manufatureiras nacionais, e ser capaz de estruturar uma economia mais planejada e ordenada, através de medidas comerciais protecionistas buscando resolver o seu problema de déficit na balança de pagamentos.

O que foi interrompido em 1975 com o golpe militar instalado que caçou e executou o principal líder da luta de libertação do país Sheik Mujibur Rahman da Liga Awami, que foi apenas o ponto chave do golpe, porém desde o final de 1974 já vinha sendo articulado e desempenhado pelas forças militares com a perseguição de líderes e militantes importantes, como Siraj Sikder que foi uma figura importantíssima da libertação bengalesa e fundador do Purba Sarbahara (Partido Proletário de Bangladesh Leste).

A partir da década de 1980 o país realizou uma completa alteração das políticas econômicas do país e se fundamentou na liberalização financeira e comercial e a completa reforma de privatizações, abandonando o modelo econômico anterior que buscava ter as indústrias nacionais orientadas pelo estado e pelo interesse da nação.

Desde a independência em 1971, Bangladesh tinha estabelecido e orientado o seu processo de industrialização e ruptura da economia agroexportadora para se fundamentar na indústria de vestuário, porém após o golpe militar a dinâmica assim como de todos os países periféricos seguiu a cartilha de liberalização financeira e liberalização de capital e reformas institucionais para que assim o capital transnacional pudesse ter menores barreiras para adentrar nas economias subdesenvolvidas.

Mesmo sendo o principal país no que diz respeito a proporcionalidade das exportações de vestuário no mundo, o país é classificado como um PMD's de baixa renda média, mesmo que o crescimento do seu PIB per capita seja muitas vezes evidenciado como um ponto que explicita o desenvolvimento de Bangladesh, na realidade o que podemos ver é um PIB per capita de US\$ 1.698,26 no ano de 2018 segundo o World Bank de 2019.

O país sofre com níveis de salários baixíssimos ao custo de incorporar as cadeias globais de valor, uma economia extremamente dependente do setor de vestuário que exprime essa dinâmica dos baixos níveis de remuneração, o que leva a maior parte de sua população viver abaixo da linha da pobreza nos termos de pobreza mundial de US\$1,90 por pessoa por dia, definidos pelo Banco Mundial em 2015, além de possuir uma estrutura de fornecimento de setores públicos básicos em um estado muito degradado, que por sua vez proporcionam uma sociedade que vive com baixíssimos níveis de escolaridade e desenvolvimento de capital humano, além de não ser capaz de colocar os seus 170 milhões de bengaleses em condições sanitárias e de saúde básicas. Ocupando no ranking de IDH Global a 138ª posição (0,608), o que evidencia de certa forma as condições de vida que o país enfrenta. (PNDU, 2017)

O que é muito difundido pelos clássicos da teoria das cadeias globais de valor e pela maior parte das abordagens econômicas que abordam a incorporação dos países periféricos na indústria e comércio global é uma narrativa claramente redigida pelos interesses do Norte global, e é válido destacar que o presente trabalho não se manifesta em um sentido puramente ideológico, e sim de composição material sobre as dinâmicas das cadeias globais de valor e da mundialização do capital.

Conforme explicitado, as abordagens *mainstream* de forma totalitária partem do pressuposto de análise abstrata da realidade, é inócuo destacar o crescimento do PIB sobre o crescimento ou o aumento da participação de uma economia se for abstraído por completo a realidade condicionante desses números, a promessa da integração dos países subdesenvolvidos como o caso de Bangladesh na cadeia produtiva e de fornecimento global tem um traço quase “solidarizador” das economias centrais.

O que nesse ponto da discussão abordada já compreendemos as entranhas da lógica da migração de capital e focalização da estrutura produtiva intensiva em trabalho nas economias mais vulnerabilizadas, e que os níveis de taxa de lucro conseguem ser ampliados através da remuneração de salários que na maioria das vezes não são suficientes para garantirem as necessidades de reprodução social básica desses trabalhadores, forçando-os a extensas jornadas de trabalho sobre condições de trabalho com todos os níveis de precariedade possíveis, estruturada de uma maneira homicida aos trabalhadores fabris, que é condicionante da miséria, fome e articulador mantenedor de desigualdade de renda.

Um ponto importante nessa análise é a composição da mão de obra incorporada nas fábricas de vestuário em Bangladesh, desde o início da formação dos polos industriais de vestuário grande parte da demanda de mão de obra foi suprimida pela força de trabalho feminina, em sua maior parte que se deslocavam das regiões rurais e iam para os principais centros urbanos que iam se formando, Dhaka a capital do país foi o principal

local de concentração das indústria e ainda é, e portanto, a região mais densa demograficamente.

Através de dados de 2015 podemos ver o nível de participação feminina na indústria de vestuário, que no ano da pesquisa correspondia a 90% da mão de obra dos 4,5 milhões de proletários industriais do segmento de vestuário. Essa questão nos revela ainda um aprofundamento das relações de expropriações modernas do capitalismo que se expressam de forma ainda mais cruel no que diz respeito a expropriação do excedente da força produtiva feminina, e da forma em que se configuram em última instância as demandas globais por mão de obra mal remunerada e de alto nível de produtividade, que se aproveitam de todos e qualquer tipo de vulnerabilidade para ampliação da lógica dos lucros, que em muitas narrativas se transveste de um discurso de progresso e empregabilidade, quando na realidade o mesmo dita exatamente o contrário.

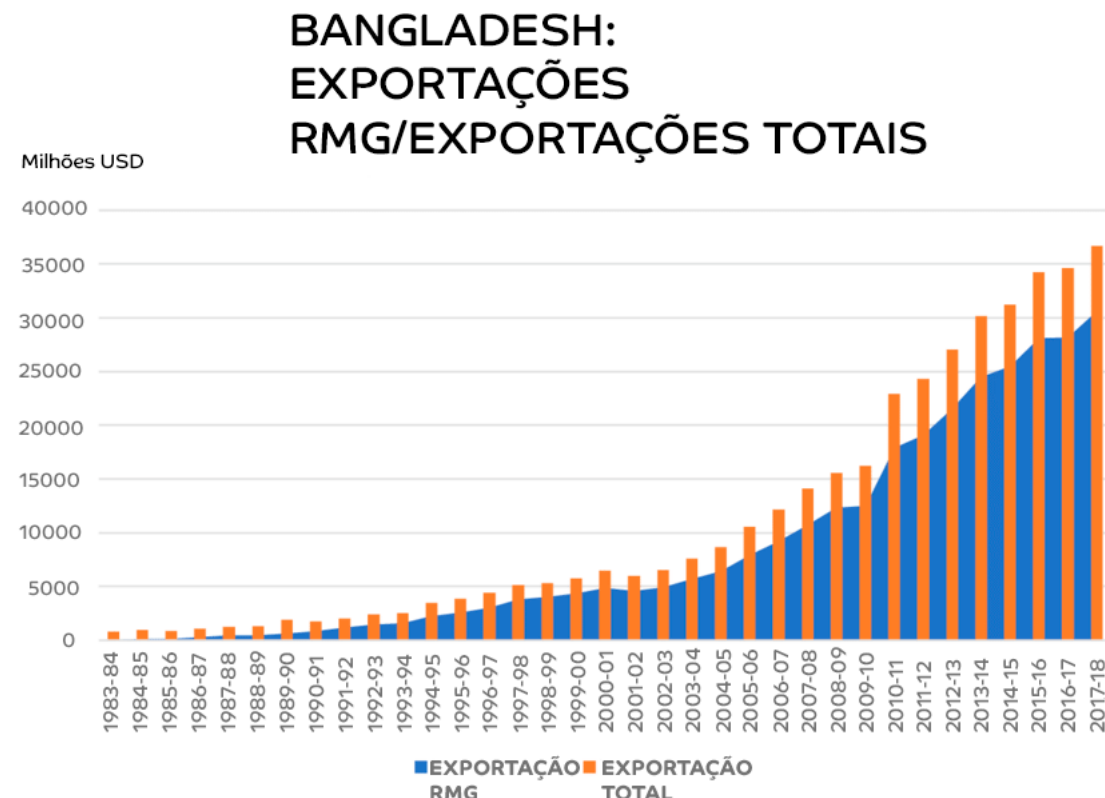
Essa hecatombe, permitida pela legislação “trabalhista” de um país cujo governo está umbilicalmente ligado às famílias e oligarquias têxteis, está inscrita na vida cotidiana da situação lamentável de milhões de pessoas: a indústria das roupas contribui com 80% de tudo que Bangladesh exporta – 20 bilhões de dólares – participando de 70% da produção nacional; emprega 4 milhões de trabalhadores em 4500 fábricas. Esses trabalhadores têxteis (dos quais 90% são mulheres e boa parte crianças com menos de 10 anos) estão entre os pior pagos no mundo, com 28 euros mensais, em jornadas estafantes de mais de 10 horas por dia, em complexos fabris inacabados que são verdadeiras armadilhas. (BARBIERI, 2015)

No caso de Bangladesh a dependência na indústria de vestuário é um fator que deve ser analisado, desde que o país passou a direcionar a sua economia para industrialização, ela se estabeleceu quase de maneira integral no setor de vestuário, o que foi ainda mais fortemente intensificado com a abertura do país. As marcas e varejistas estadunidenses e europeus viram a possibilidade de estabelecer fábricas numa nação tão fragilizada por uma cruel colonização, seguido de um regime hostil militar paquistanês e que duramente conquistou a sua identidade de nação “livre”, recém industrializada, vulnerável, e extremamente aberta sem a presença de um estado planejador após as políticas de liberalização e privatizações em série do regime militar, basicamente a receita perfeita para a superação econômica das crises dos anos 70 dos países capitalistas centrais e conseguir orientar o capital transnacional e expandi-lo.

Bangladesh assim como a maioria dos países asiáticos e latino-americanos foram a solução ideal para a dinâmica de mundialização, e assim garantirem os lucros absurdos, essa é a lógica das Cadeias Globais da Pobreza (CGP's).

Essa liberalização que excluiu a força e capacidade do estado desempenhar um papel planejador na economia bengalesa, e os deixou a deriva dos interesses do capital transnacional é responsável pela criação dessa dependência setorial na indústria de vestuário, a abertura não foi nem capaz de significativamente atrair tecnologia pro país, a maior parte da tecnologia da indústria de vestuário é simples, e a alta produtividade advém da força de trabalho da classe proletária industrial que despende a maior parte da sua vida dentro das fábricas, a maior parte das marcas e varejistas do Norte global apenas terceirizaram a sua produção nas precárias e já estruturadas indústrias do país.

Figura 7 – Relação entre a exportação de RMG- *ready made garments* e Exportação total de Bangladesh



Fonte: Mohammad Uddin. Tradução autoral.

Além da existência do controle do capital estrangeiro no país, há uma burguesia industrial têxtil que possui muito poder de barganha com o estado. A qual é capaz de ditar uma série de políticas dentro do país que garantem a dependência do setor, excluindo a capacidade do estado de articular políticas macroeconômicas e de planejamento do setor industrial que consiga investir em dinamizar segmentos da indústria responsáveis por um desenvolvimento sustentável e de alavanque para a indústria tecnológica de conhecimento.

Ademais, perpetua-se a estrutura de leis trabalhistas afrouxadas e com uma baixa vigilância em termos de aplicação das leis, que induzem a lógica da ampliação das margens de lucro e que, embora os movimentos sindicais no país tenham tomado uma maior força nos últimos anos por conta de uma série de acidentes induzidos pelas péssimas condições de trabalho e infelizmente ainda possuem pouca voz e barganha para as articulações políticas.

O edifício fabril de propriedade da Spectrum Clothings, que terceirizava a produção de várias empresas do Norte global, como o grupo Inditex (que engloba a Zara e outras marcas de vestuário), Cotton Group, Winfeild e Carrefour desabou em 11 de abril de 2005, causando a morte de sessenta e quatro trabalhadores e ferindo oitenta e quatro, além de que centenas de trabalhadores ficaram desempregados como consequência e tiveram todos os seus direitos negados.

Em 14 de dezembro de 2010, outro acidente levou a dezenas de trabalhadores se jogarem do prédio tentando escapar das chamas e mais de cem ficaram feridos quando um incêndio tomou conta de uma fábrica de vestuário que terceiriza a produção de roupas para o varejista estadunidense GAP.

Em 24 de abril de 2013, a maior tragédia operária induzida da Ásia dos últimos anos de exploração das economias capitalistas centrais se deu quando um prédio de nove andares em Dhaka, capital do país que alojava cinco fábricas de vestuário desabou matando 1.130 operários fabris. Os proprietários das fábricas que se abrigavam no edifício haviam sido notificados e avisados do risco e que não deviam permitir que seus trabalhadores entrassem no prédio após uma vistoria ter detectado diversas rachaduras e abalos estruturais no dia anterior à tragédia. Embora os trabalhadores relutassem para não entrar no prédio tiveram de voltar para as fábricas temendo perderem seus empregos.

Esses acidentes induzidos pela irresponsabilidade são longe de ser exceções, apenas no período de início dos anos 2000 a 2013 mais de 600 mil trabalhadores da indústria direta e indireta de vestuário morreram, além de todos que vivem em condições sub-humanas de exploração. É importante observarmos que embora esses incidentes tenham sido amplamente noticiados na imprensa nacional e até mesmo internacional, nenhuma medida importante foi tomada para prevenir a recorrência de tais eventos.

A falta de políticas que se orientem para essa irresponsabilidade pública trabalhista se nutre na dinâmica de superexploração que o país está inserido, a maior parte das marcas e varejistas dos países do Norte global que terceirizam toda a sua produção nessas fábricas e mobilizam a sua estrutura industrial em Bangladesh nem mesmo em sua realidade montam fábricas, retirando de si ainda mais as responsabilidades pelo processo homicida que instalaram e reproduzem nas economias do Sul global.

Sendo impossível não trazermos e relacionarmos as condições da superestrutura da indústria de vestuário em Bangladesh, e de todas as economias periféricas com o poema da primeira revolta operária da história alemã moderna, *“Os tecelões da Silésia”*:

Sem lágrimas em teares que tremem tecemos e batemos os dentes.
Alemanha, tecemos nesta ocasião aqui a tua mortalha e a tríplice maldição.
Tecemos. Tecemos.

Maldição ao Deus falso, ao qual rezamos enquanto o frio e a fome
aguentamos. Em vão confiamos e esperamos; tem fraudado, mentido e
enganado. Tecemos. Tecemos.

Maldição ao rei o rei dos ricos, o monstro que traga os peixes
pequenos; que nos oprime, explora e tonsura e, como aos cães, nos fuzila.
Tecemos. Tecemos.

Maldição à Pátria falsa e funesta, que só à vergonha se presta, que a
toda flor precocemente esmaga, e ao verme alimenta em podridão nefasta.
Tecemos. Tecemos.

Voa a lançadeira e treme o tear. Tecemos com dedicação sem cessar.
Alemanha de ontem, nesta ocasião, eis a tua mortalha e a tríplice maldição.
Tecemos. Tecemos. (HEINE, H. 1844)

O que poderia ser visto como uma citação anacrônica, na realidade nos revela que a história é senão a capacidade humana derivada da força de trabalho que é

essencialmente vinculada e orientada pelas estruturas econômicas na composição e condicionamento da materialidade do mundo, das relações de classe, dos indivíduos, e somos, portanto, no fim fruto dessas condições.

O crescimento em números da economia de Bangladesh, que factualmente enriquece apenas uma minúscula burguesia mentecapta que se nega a um desenvolvimento do país (muito por suas raízes coloniais e ditatoriais) a custo das inúmeras mortes causadas pela precarização total das condições de trabalho dos 4,5 milhões de proletários indústrias que compõem direta e indiretamente a cadeia produtiva mais importante do país, com as expropriações de excedente no limite máximo, sendo um retrato puro e gritante da dinâmica das cadeias globais da pobreza.

CONCLUSÃO

A análise crítica apresentada neste documento sobre o imperialismo da produção e as cadeias globais de pobreza nos leva a algumas reflexões importantes.

Em primeiro lugar, fica evidente que o processo de fragmentação e pulverização da produção é um fenômeno histórico que está diretamente relacionado à expansão do capitalismo em um novo estágio. Esse processo é determinado pelos processos da superestrutura de produção que o mundo está inserido, e tem como consequência a expropriação dos excedentes globais dos países periféricos através dos baixos preços produzidos no Sul global.

Em segundo lugar, é importante destacar que as cadeias globais de pobreza (CGP's) são uma consequência direta desse processo. As CGP's são caracterizadas pela exploração dos trabalhadores locais em países periféricos, que são submetidos a condições precárias de trabalho e salários baixos para produzir bens destinados ao consumo das economias centrais.

É importante ressaltar que a visão ortodoxa sobre as cadeias globais de valor não é suficiente para compreender a complexidade da materialidade de fenômeno desse processo. A visão ortodoxa tende a ter um nível de abstração que foge de toda a sensibilidade da realidade e das estruturas econômicas e sociais responsáveis por condicionar o mundo.

Para trazer uma abordagem mais crítica deve-se levar em consideração não apenas os aspectos econômicos das CGP's, mas também as relações de poder envolvidas nesse processo. É necessário analisar as estruturas históricas que perpetuam a exploração dos países periféricos, bem como as políticas públicas e as ações das empresas transnacionais que contribuem para essa exploração.

Em suma, o imperialismo da produção e as cadeias globais de pobreza são fenômenos complexos que exigem uma abordagem crítica e multidimensional. É necessário compreender não apenas os aspectos econômicos, mas sim observar uma carga histórica que compõe a realidade material e permeiam todas as relações.

A pesquisa sobre a indústria de vestuário em Bangladesh e suas relações com a expropriação dos operários fabris e as condições precárias de trabalho nos explicita de forma palpável as relações teorizadas.

Pode-se observar que a exploração dos trabalhadores locais é uma herança maldita do passado colonial e da formação de uma elite local que se beneficiou dessa exploração. Essa estrutura histórica ainda se mantém presente na atualidade, perpetuando as desigualdades sociais e econômicas em Bangladesh.

A indústria de vestuário em Bangladesh está inserida nas cadeias globais da pobreza (CGP's), o que significa que os trabalhadores locais são explorados não apenas pelas empresas locais, mas também pelas grandes corporações transnacionais que terceirizam a produção no país.

Por fim, é fundamental ressaltar que existem alternativas para superar os desafios enfrentados pela classe operária de Bangladesh, composta principalmente por mulheres jovens que migraram para os centros urbanos em estado de vulnerabilidade. É necessário que o estado seja capaz de dinamizar a sua economia de forma estruturada e planejada promovendo o desenvolvimento econômico e social do país, garantindo melhores condições de vida para a classe trabalhadora bengalesa.

Além disso, é preciso responsabilizar e pressionar as empresas transnacionais para que respeitem os direitos trabalhistas e ambientais em todas as etapas da cadeia produtiva, e que seja explicitado as relações de exploração global.

Em síntese, a indústria de vestuário em Bangladesh é um exemplo claro das desigualdades e injustiças presentes no sistema econômico global. No entanto, é possível e necessário buscar alternativas para superar esses desafios e construir um mundo menos desigual e que seja capaz de promover a vida justa para a classe trabalhadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADNAN, Atm; RAKIB, Abdur; RAHMAN, Mizarnur. (2015) **Export trend of Bangladesh: the dominance of ready-made garments industry**. Research Journal of Economics, Business and Ict.
- AGRA, Lucio. **História da arte do século XX: ideias e movimentos**. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004.
- AHMED, Fauzia E. (2004) **The Rise of the Bangladesh Garment Industry: Globalization, Women Workers, and Voice**. NWSA Journal
- ARIENTI, Wagner Leal; FILOMENO, Felipe Amin. **Economia política do moderno sistema mundial: as contribuições de Wallerstein, Braudel e Arrighi**. Ensaios FEE, Porto Alegre, v. 28, n. 1, p.99-126, jul. 2007.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTIL - ABIT. **O Poder da Moda**. Disponível em: <http://www.abit.org.br/conteudo/links/Poder_moda-cartilhabx.pdf>. Acesso em: 17 out. 2022.
- AZMEH, Shamel; NADVI, Khalid. **Asian firms and the restructuring of global value chains**. *International Business Review*, [s.l.], v. 23, n. 4, p.708-717, ago. 2014. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ibusrev.2014.03.007>.
- BACELAR, Tânia. **Globalização e território**. Le Monde Diplomatique Brasil, [s.i], jun. 2008
- BAIR, Jennifer; GEREFFI, Gary. **Local Clusters in Global Chains: The Causes and Consequences of Export Dynamism in Torreon's Blue Jeans Industry**. *World Development*, [S.I.], v. 29, n. 11, p.1885-1903, nov. 2001. Elsevier BV. [http://dx.doi.org/10.1016/s0305-750x\(01\)00075-4](http://dx.doi.org/10.1016/s0305-750x(01)00075-4)
- BARBIERI, A. **MASSACRE EM BANGLADESH | 2013: o preço da moda, do imperialismo e da revolta em Bangladesh**, 2015. Disponível em: <https://www.esquerdadiario.com.br/2013-o-preco-da-moda-do-imperialismo-e-da-revolta-em-Bangladesh>. Acesso em: 02/05/2023
- BARI, Estiaque; HAKE, A.K.E. **A Survey Report on the Garment Workers of Bangladesh 2020**. Asian Center for Development, 2021.
- BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- BARTHES, Roland. **The Fashion System**. California: University of California Press, 1990.
- BERGÉ, Pierre. **Yves Saint-Laurent**. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1999.
- BLACKMAN, Cally. **100 anos de Moda**. São Paulo: Editora Publifolha, 2012.
- BRAGA, João. **História da moda: uma narrativa**. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004.

- BRUNO, Flavio da Silveira. **A quarta revolução industrial do setor têxtil e de confecção: a visão de futuro para 2030**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.
- CHANG, Ha-Joon, **Chutando a escada: a estratégia do desenvolvimento em perspectiva histórica**. São Paulo: UNESP, 2003.
- CÉZAN, Claude. **La mode phénomène humain**. Paris: Privat, 1967.
- CHESNAIS, François. **A globalização e o curso do capitalismo de fim-de-século**. Economia e Sociedade, Campinas, v. 4, n. 2, p.1-30, dez. 1995.
- CHESNAIS, François. **A Mundialização do Capital**. Xama, São Paulo, jan. 1996.
- CIETTA, Enrico. **A revolução do fast fashion: estratégias e modelos organizados**
- CIETTA, Enrico. **A Economia da Moda: Porque Hoje Um Bom Modelo de Negócios Vale Mais do que Uma Boa Coleção**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.
- GEREFFI, Gary. **Global production systems and third world development**. In: STALLINGS, B. (Ed.). *Global change, regional response: the new international context of development*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- _____. **Commodity Chains Framework for Analyzing Global Industries**. Durham, Duke University, Ago. 1999.
- FURTADO, Celso. **Desenvolvimento e Subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1962.
- GEREFFI, Gary; MEMEDOVIC, Olga. **The Global Apparel Value Chain: What Prospects for Upgrading by Developing Countries?**. Vienna: United Nations Industrial Development Organization, 2003.
- GOMBRICH, E. H. **Histoire de l'art**. Paris: Phaidon, 2001.
- GRUMBACH, Dider. **Histórias da moda**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- INSTITUTE Global Labour and Human Rights. **Rana Plaza: Workers' Memorial Day in Bangladesh**. (2016). Disponível em: <<http://www.globallabourrights.org/alerts/rememberingrana-plaza>>. Acesso em: 03 maio 2023.
- KAPLINSKY, Raphael. *Spreading the Gains from Globalisation: What Can Be Learned From Value Chain Analysis*. Institute Development Studies. [s.i], p. 1-37. jan. 2000.
- LACERDA, A. C. (2004) **Globalização e investimentos estrangeiro no Brasil**. São Paulo, Editora Saraiva, 2a. edição
- LANCIONI, Richard A. **A brief note on the History of Fashion**. Filadélfia: Temple University, 1973.
- LEE, Joonkoo; GEREFFI, Gary. **Global value chains, rising power firms and economic and social upgrading**. *Critical Perspectives on International Business*, Bingley, v. 11, n. 3-4, p. 319-339, 2015.

- LEHNERT, Gertrud. **História da Moda do século XX**. Colonia: Könemann, 2001.
- LENIN, Vladimir Ilyich. **O Imperialismo: Etapa Superior do Capitalismo**. Campinas: Navegando, 2011
- LINS, Hoyêdo Nunes; ALVES, Pedro. **A indústria automobilística e o Brasil: uma abordagem na ótica das cadeias mercantis globais**. ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA, v. 10, p. 2305-2330, 2005.
- LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LIPOVETSKY, Gilles. **Os Tempos Hipermodernos**. São Paulo: Bacarolla, 2004.
- MACHADO, Luiz Toledo. **A teoria da dependência na América Latina**. Revista de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 1999, vol. 13, n. 35, pp. 199-215.
- MARINI, RM. **Dialéctica de la Dependencia**. México: Editorial ERA. 1973.
- MARX, Karl. **O Capital [Livro I]: crítica da economia política. O processo de produção do capital**. Boitempo; 2ª Edição, 2011.
- MEZZADRI, A. **Sweatshop Regimes in the Indian Garment Industry**. Cambridge: Cambridge University Press. 2017
- MOUTINHO, Maria Rita. **A moda no século XX**. Rio de Janeiro: SENAC, 2000
- NERY, Maria Salete de Souza. **De arte a negócio ou de Worth a Herchcovitch**: afinidades eletivas, categorias sociais e processos sócio-históricos: a configuração moda. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2009.
- NYSTROM, Paul. **The Economics of Fashion**. New York: Ronald Press, 1928.
- RAHMAN, Shahidur. **Broken Promises of globalisation: The case of Bangladesh garment industry**. Lexington Books, 2013.
- RUWANPURA K. **Garments without guilt? Uneven labour geographies and ethical trading—Sri Lankan labour perspectives**. Journal of Economic Geography, Volume 16, Issue 2, March 2016, Pages 423–446
- O'HARA, Georgina. **Enciclopédia da moda**: de 1840 à década de 80. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- OLIAN, Joanne. **The House of Worth**: the gilded age 1860 – 1918. New York: Museum of the city of New York, 1982.
- OSÓRIO, Jaime. **O Estado no centro da mundialização: a sociedade civil e o tema do poder**. São Paulo: Outras Expressões, 2014.
- SAWAYA, Rubens. **Corporação transnacional e o Estado nacional**: controle por dentro. Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política. São Paulo, 2021.

SELWIN B. **Beyond firm-centrism: re-integrating labour and capitalism into global commodity chain analysis**, *Journal of Economic Geography*, 2012, vol. 12 (pg. 205-226).

SELWIN B. **Poverty chains and global capitalismo**. Volume 23 Issue 1, February 2019.

SELWYN B. **Social upgrading and labour in global production networks: a critique and an alternative conception**, *Competition and Change*, 2013, vol. 17 (pg. 75-90).

SMITH, John. **Imperialism in the Twenty-First Century: globalization, super-exploitation, and capitalism's final crisis**. New York, Monthly Review Press, 2016.

SOUZA, Gilda de Mello. **O Espírito das roupas: a moda no século dezenove**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

STARK, Karina Fernandez; FREDERICK, Stacey; GEREFFI, Gary. **The apparel global value chain: economic upgrading and workforce development**. Duke University Center On Globalization, Governance & Competitiveness, Durham. 2011.

SUWANDI, Intan. **Value Chains: The New Economic Imperialism**. Monthly Review Press; 2019

UDDIN, Mohammad. **Sectoral dependency and its impact on economy - A case study of Bangladesh**. 4th International Conference on Business & Economics At: University of Dhaka, 2019.

COPE, Zak. **The Wealth of (Some) Nations. Imperialism and the Mechanics of Value Transfer**, Londres, Pluto Press, 2019.

ZHANG, Liping; SCHIMANSKI, Silvana. **Cadeias Globais de Valor e os Países em Desenvolvimento**. *Boletim de Economia e Política Internacional*, [s.i], v. 18, p.73-92, dez. 2014.

_____. (2019) **The World Bank in Bangladesh: overview**. Disponível em [<https://www.worldbank.org/en/country/bangladesh/overview>].

_____. (2022) **Employment, wages and productivity trends in the Asian garment sector**. International Labour Office.

_____. (2020) **Bangladesh holds the second position in RMG exports: WTO**. Textile Today. Disponível em: <https://www.textiletoday.com.bd/bangladesh-holds-second-position-rmg-exports-wto/> - Acessado 04/05/2023

_____. (2021) Hashem Foods factory fire: Bangladesh government must establish inquiry. Disponível em: <https://www.ituc-csi.org/hashem-foods-factory-fire?lang=en> Acessado em: 02/05/2023

_____. (2021) Precarização do trabalho mata 52 operários em incêndio de fábrica em Bangladesh. Disponível em: <https://www.esquerdadiario.com.br/Precarizacao-do->

[trabalho-mata-52-operarios-em-incendio-de-fabrica-em-Bangladesh.](#) Acessado em:
01/05/2023